



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

MARIA TÂNIA FONSÊCA DA SILVA RIBEIRO

**DOS CONTOS DE FADAS À LITERATURA DE CORDEL: LEITURA, ESCRITA E
VALORES HUMANOS NA ESCOLA**

SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA
2022

MARIA TÂNIA FONSÊCA DA SILVA RIBEIRO

**DOS CONTOS DE FADAS À LITERATURA DE CORDEL: LEITURA, ESCRITA E
VALORES HUMANOS NA ESCOLA**

Dissertação de Mestrado Profissional em
Letras – PROFLETRAS do Departamento de
Ciências Humanas, *Campus V*, da
Universidade do Estado da Bahia, como
requisito para obtenção do título de Mestre em
Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho
Fiorindo.

**SANTO ANTÔNIO DE JESUS - BA
2022**

FICHA CATALOGRÁFICA

Sistema de Bibliotecas da UNEB
Dados fornecidos pelo autor

Ribeiro, Maria Tânia Fonseca da Silva

Dos contos de fadas à literatura de cordel: leitura, escrita e valores humanos na escola / Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro . – Santo Antônio de Jesus, 2022.

87 fls. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Priscila Peixinho Fiorindo

Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras – (PROFLETRAS), *Campus V*. 2022.

Inclui Referências.

1. Literatura. 2. Leitura. 3. Escrita-cordel. 4. Valores Humanos. I. Fiorindo, Priscila Peixinho. II. Título. III. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas.

CDD 800

FOLHA DE APROVAÇÃO
"DOS CONTOS DE FADAS À LITERATURA DE CORDEL: LEITURA,
ESCRITA E VALORES HUMANOS NA ESCOLA"

MARIA TÂNIA FONSÊCA DA SILVA RIBEIRO

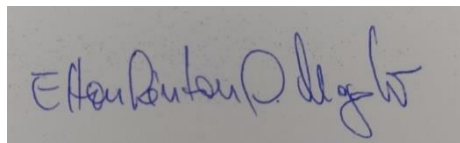
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Letras – PROFLETRAS, em 15 de dezembro de 2022, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestra em Letras pela Universidade do Estado da Bahia, conforme avaliação da Banca Examinadora:



Prof.^a Dr.^a PRISCILA PEIXINHO FIORINDO
UNEB
Doutorado em Linguística
Universidade de São Paulo



Prof. Dr. JOÃO EVANGELISTA DO NASCIMENTO NETO
UNEB
Doutorado em Letras
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul



Prof. Me. ELTON LINTON OLIVEIRA MAGALHÃES
IFBAIANO

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por me proporcionar o sopro da vida e tantas experiências que me fazem evoluir cada dia mais.

A minha família, por todo apoio e compreensão em todos os momentos desta e de tantas outras caminhadas de luta.

A meu marido, Juarez, por sempre acreditar em meu potencial e me motivar a voos mais altos.

A minha orientadora, Priscila Peixinho Fiorindo, por me fazer enxergar com outros olhos a Literatura Infantil e a Literatura de Cordel, além de toda paciência e dedicação que teve comigo ao longo do curso.

À Banca examinadora, professores João Evangelista Neto e Elton Magalhães, por todas as sinceras e valiosas considerações para o melhor desenvolvimento do meu trabalho.

A todos os meus colegas da turma VII do PROFLETRAS, mas de maneira muito especial, a minha parceira na construção do conhecimento, Alane Cristina Souza Silveira Cabral.

Aos docentes do PROFLETRAS, por todo comprometimento com o nosso aprendizado e, conseqüentemente, com a educação desse país, mas de modo muito especial à professora Rosemere Ferreira da Silva, por me fazer repensar em um ensino de Literatura mais crítico e cativante.

A todos os meus colegas de trabalho que sempre me apoiaram e me motivaram a continuar a caminhada estudantil.

Aos meus alunos que me inspiram, todos os dias, a ser uma profissional melhor.

Dedico este trabalho aos meus pais, Anastácio e Izabel, que, mesmo diante de tantas dificuldades, sempre prezavam pela educação de seus filhos. Eles são meus exemplos de virtudes e valores humanos.

“Os valores éticos e espirituais, relegados ao segundo plano e até ridicularizados, resultaram em superficialidade, consumismo e egocentrismo. A meta de um sistema educacional como agente transformador da sociedade é o autoconhecimento e a valorização da condição humana”. (MARTINELLI, 1996, p. 68)

RESUMO

O ensino tem enfrentado tempos difíceis, muitas vezes, devido à falta de valores humanos. Diante desse contexto, acreditamos que o professor tem um papel importante para vencer alguns entraves relacionados, principalmente, à aquisição de conhecimento dos estudantes. Nesse sentido, apresentamos uma proposta de intervenção pedagógica intitulada “Dos contos de fadas à literatura de cordel: leitura, escrita e valores humanos na escola”, destinada à turma do 8º ano do Ensino Fundamental, do município de São Miguel das Matas – BA. Para isso, desenvolvemos o trabalho com cordéis estilizados a partir de alguns contos de fadas, com o intuito de incentivar a leitura e a escrita poética, enfatizando os valores humanos. Assim, nos apoiamos nos teóricos que discutem sobre o ensino e aprendizagem, além da importância do texto literário no processo de formação leitora, e dentre eles destacamos Fiorindo (2012/2015), Paulo Freire (1989/1996), Zilberman (2008) e Cândido (2011). Paralelamente sobre o cordel, nos pautamos em Cavignac (2006), Marinho e Pinheiro (2012) e Haurélio (2013). Quanto aos contos de fadas trazemos Von Franz (1990), Chesterton (2019), Michelli (2012), Coelho (1987), entre outros teóricos e sobre a estilização nos apoiamos em San’Atanna (2003). A proposta é uma sequência didática dividida em 10 etapas, com sugestões de atividades individuais e em grupo, priorizando o dinamismo das aulas e a participação dos educandos, a partir da realidade literária popular deles, dando-lhes suporte para a produção de possíveis cordéis. Pretende-se, dessa forma, incentivar a leitura e escrita poética, enfatizando os valores humanos a partir de contos de fadas estilizados em cordel.

PALAVRAS-CHAVE: leitura; escrita; contos de fadas; cordel; valores humanos.

ABSTRACT

Teaching has faced difficult times, often due to the lack of human values. In this context, we believe that the teacher has an important role in overcoming some obstacles related, mainly, to the acquisition of knowledge by students. In this sense, we present a proposal for an educational intervention entitled "From fairy tales to cordel literature: reading, writing and human values at school", aimed at an 8th grade class in the municipality of São Miguel das Matas city - BA. For this, we developed the work with stylized cordéis based on some fairy tales, in order to encourage reading and poetic writing, emphasizing human values. So, we rely on theorists who discuss teaching and learning, as well as the importance of the literary text in the process of reader training, and among them we highlight Fiorindo (2012/2015), Paulo Freire (1989/1996), Zilberman (2008) and Cândido (2011). In parallel, about cordel, we are based on Cavignac (2006), Marinho and Pinheiro (2012) and Haurélio (2013). As for fairy tales, we bring in Von Franz (1990), Chesterton (2019), Michelli (2012), Coelho (1987), among other theorists. And about stylization, we rely on San'Atanna (2003). The proposal is a didactic sequence divided into 10 steps, with suggestions for individual and group activities, prioritizing the dynamism of the classes and the participation of the students, from their popular literary reality, giving them support for the production of possible cordéis. In this way, it is intended to encourage reading and poetic writing, emphasizing human values from stylized fairy tales in cordel.

KEYWORDS: reading; writing; fairy tales; cordel; human values.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1 LEITURA E ESCRITA: DOS CONTOS DE FADAS AO CORDEL.....	17
1.1 CONTEXTUALIZANDO A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA.....	17
1.2 UM OLHAR SOBRE OS CONTOS DE FADAS.....	19
1.2.1 A magia dos contos de fadas.....	23
1.2.2 Contos de fadas e arquétipos.....	26
1.3 VALORES HUMANOS E VIRTUDES.....	27
1.4 LITERATURA DE CORDEL.....	31
1.4.1 Reescrita dos contos de fadas na literatura popular.....	39
2 ESTILIZAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS EM CORDEL.....	42
2.1 CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO.....	42
2.2 SELEÇÃO DOS SUJEITOS.....	43
2.3 ESCOLHA DO MATERIAL.....	43
2.4 ETAPAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO.....	44
3 CORDELIZAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS.....	55
APÊDICE A – ATIVIDADES SOBRE VALORES HUMANOS.....	59
APÊNDICE B – CORDEL <i>JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO</i> DE MANOEL NETO.....	61
ANEXO A – <i>JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO</i> DE JOSEPH JACOBS.....	63
ANEXO B – <i>O PATINHO FEIO</i> DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN GRIMM	64
ANEXO C – <i>A GATA BORRALHEIRA</i> DE CHARLES PERRAULT.....	66
ANEXO D – CORDEL <i>A GATA BORRALHEIRA</i> DE MEDEIROS BRAGA.....	68
ANEXO E – <i>O CORDEL EM CORDEL</i> DE MEDEIROS BRAGA.....	74
ANEXO F – <i>MÚSICA LITERATURA DE CORDEL</i> DE FRANCISCO DINIZ.....	78
ANEXO G – <i>MÚSICA ANDAR COM FÉ</i> DE GILBERTO GIL	79
ANEXO H – <i>O PATINHO FEIO EM CORDEL</i> DE MANOEL NETO.....	80
ANEXO I – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	84

Figura 1 – Ilustração Contos de fadas em Cordel



Fonte: https://www.canva.com/design/DAFaY1nz5zE/KgG_JNwhz4vFlVl9f089VA/edit

INTRODUÇÃO

“Essa memória tocante
Traz virtude bem legal,
Como a determinação
Uma virtude genial.
Dom em cada personagem
Vivendo em plena coragem
Buscando seu ideal”.
(ALMEIDA e REIS, 2022, p. 1).

Ao falar de ensino, recordo-me das minhas experiências enquanto estudante, quando tive o primeiro contato com o livro *Gorda ou magra, abracadabra* de Giselda Laporta Nicolelis, no 3º ano do ensino fundamental. Lembro-me dos ensaios para a peça teatral da escola, eu era a bruxinha Brunevildes e minha irmã gêmea a bruxinha Galateia; foi uma experiência que marcou a minha vida e, a partir de então, passei a visitar, com frequência, a Biblioteca Municipal de Santo Antônio de Jesus – BA.

Passava horas lendo e escolhendo outros livros para levar para casa como *Os Barcos de Papel* de José Mavíael Monteiro, adorava a coleção Vaga-lume, mas, como não podia comprar, sempre era emprestado na biblioteca.

No ensino fundamental II, a leitura era mais mecânica, os professores a indicavam apenas como requisito para avaliação; então, o amor que sentia pela arte da leitura começou a diminuir, pois detestava a ideia de ler por obrigação. Mas, para minha sorte, fiz, durante quatro anos, dança moderna no colégio em que estudava, depois passei a frequentar a Academia de Dança Espaço Vivo, onde as leituras dos clássicos contos de fadas eram intensas devido às apresentações dos espetáculos dessas histórias como *Alice no país das maravilhas*, *Branca de Neve e os sete anões*, *A Bela e a Fera*, entre outros.

No ensino médio o foco era passar no vestibular e os professores ensinavam as escolas literárias, mas não líamos livros, apenas resumos de obras de alguns autores que eram mais cobrados nas avaliações do ENEM - Exame Nacional do Ensino Médio.

Após o meu ingresso na Universidade do Estado da Bahia - *Campus V*, durante a graduação em Letras/Português, passei a ler mais Literatura de Cordel e tinha muito interesse em discutir no meu Trabalho de Conclusão de Curso/TCC as produções do cordelista Bule-Bule. No entanto, como participei de um projeto de pesquisa, na UNEB, sobre TOPA (Todos pela Educação), priorizei estudos sobre a Educação de Jovens e Adultos – EJA, mas tinha convicção da importância dos folhetos de cordel para a formação de leitores.

A minha atuação enquanto educadora se iniciou em 2008, e nesse período eu já sabia

da responsabilidade e desafios dessa profissão, ao mesmo tempo em que sentia vontade de ser professora. Concorro com Freire quando afirma “que quem ensina aprende ao ensinar” (FREIRE, 1996, p. 12). Eu aprendi muito ao longo desses anos de profissão, pois tive a oportunidade de ensinar adolescentes, adultos e idosos.

Na trajetória docente, cada vivência me motiva a ser uma profissional e um ser humano melhores. Nesse sentido, ingressar no Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS na UNEB, *Campus V*, em Santo Antônio de Jesus - BA, foi uma oportunidade ímpar na minha vida, pois as reflexões e discussões sobre a Língua Portuguesa contribuem para meu crescimento e amadurecimento profissional.

No mestrado, só aumentou o meu desejo de desenvolver um trabalho que possa contribuir com aprendizagem dos alunos, a partir da arte literária popular, e os ajudem a evoluir enquanto seres humanos, pois as artes possibilitam realizar atividades que vão além da mera decodificação de textos, por exemplo, estimulando a leitura de si mesmo, do outro e do mundo de maneira crítica e reflexiva.

O meu retorno à UNEB possibilitou a realização do desejo de trabalhar com a Literatura de Cordel. A ideia apresentada por minha orientadora de estilizar os contos de fadas em cordel me motivou ainda mais, já que na minha adolescência tive a experiência de viajar no mundo dos Elfos¹ através da dança.

Desde quando comecei a ensinar, percebi que a realidade acerca da formação de leitores considerada não satisfatória, com base nos dados oficiais de educação, não havia mudado muito, principalmente na zona rural. Segundo dados do Inep (2020)², no meio rural brasileiro, o índice de analfabetismo é três vezes superior à da população urbana: 28,7% e 9,5%, respectivamente. Sendo que, no nordeste rural, a taxa é de 40,7%, ou seja, os contrastes regionais são bastante elevados, quando se compara a situação no campo. Ainda de acordo com a pesquisa do Inep (2020)³, o panorama da situação educacional no Brasil revela a existência de 16 milhões de analfabetos com 15 anos ou mais e 30 milhões de analfabetos funcionais.

Como consequência dessa realidade, tem-se a ampliação da desigualdade, da exclusão social, da falta de profissionais capacitados, do desemprego e o aumento da

¹ Seres mitológicos de origem nórdica que simbolizam os desejos inconscientes. Disponível em <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/elfo/>

² Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/outros/estudo-detalha-situacao-do-analfabetismo-no-pais>

³ Disponível em <https://www.gov.br/inep/pt-br/assuntos/noticias/outros/estudo-detalha-situacao-do-analfabetismo-no-pais>

violência. São os mais pobres e analfabetos que tentam lutar por melhores condições de vida, saúde e emprego diante dos obstáculos que enfrentam no cotidiano. Atualmente, ensino para a turma do 8º ano na escola Municipal Professora Marlene Santos no município São Miguel das Matas – BA, localizada na zona rural, onde as dificuldades são ainda maiores, pois não há biblioteca e os alunos têm dificuldades para ler e compreender textos, além de trabalharem, com seus pais, nas lavouras para ajudar na renda familiar. Outro fator é que meninos e meninas consomem álcool e drogas ilícitas desde cedo, o que contribui para o afastamento deles da escola, além de gerar violência e, conseqüentemente, resulta na perda de alguns valores humanos e virtudes.

Nessa vertente, faz-se necessário contextualizarmos os conceitos de valores humanos e virtudes. Na perspectiva da psicologia, compreendemos que toda virtude é um valor humano, mas nem todos os valores humanos são virtudes; por exemplo, a beleza é um valor humano, mas não é uma virtude; enquanto a honestidade é uma virtude e um valor humano.

Há diversidade de valores, como valores estéticos, espirituais, econômicos, morais, dentre outros. Segundo Pedro (2014), os valores humanos encontram-se naquilo que é comum e que caracteriza o ser humano e não um ser particular, portanto, não se trata de algo subjetivo ou arbitrário, ou seja, a problemática dos valores está presente no mais íntimo de todo e qualquer sujeito e constitui o fundamento da sua essência.

A referida autora afirma ainda que as coisas são chamadas “valores” (valiosas) porque respondem de modo objetivo aos problemas profundos do sujeito; sendo assim, atendem de maneira natural às necessidades sentidas pelo homem; por isso, são importantes para a transformação da realidade.

As virtudes, por sua vez, são importantes porque servem como base para sabermos o que de fato é valor ou não para nós e para a sociedade, ou seja, “não somente têm relevância humana por referirem-se a valores desejáveis, como adentram no universo moral: elas definem o caráter de uma pessoa e, por caráter, deve-se entender uma avaliação ética da personalidade”. (LA TAILLE, 2000, p. 112). Segundo o autor, as virtudes se referem às qualidades de cada pessoa, por isso são apreciadas, desejadas e almejadas.

Considerando que a arte literária popular, mediada de forma adequada, é capaz de mudar vidas, construímos uma proposta de intervenção pedagógica com a Literatura de Cordel, pois está presente no Nordeste e na zona rural e observamos as características culturais das referidas regiões nos versos em cordel. No entanto, é importante ressaltar que essa arte popular está presente em quase todo território nacional, como por exemplo, há

muitos trabalhos do cordelista Jerson Brito de Rondônia e do Trovador das Alterosas de Minas Gerais, dentre outros cordelistas em outros estados brasileiros. Além disso, é uma ferramenta de ensino relevante para desenvolver as habilidades de leitura e escrita poética, a partir das estilizações⁴ dos contos de fadas, contribuindo para o aperfeiçoamento linguístico e discursivo, além de discussões políticas, sociais e do desenvolvimento da consciência coletiva para ações positivas no convívio harmônico na escola e fora dela, por meio das mensagens dos contos clássicos.

Assim, torna-se possível, nas práticas escolares, a formação de uma consciência cidadã pautada nos valores humanos e nas virtudes – honestidade, amor ao próximo, respeito, ética, necessárias para uma sociedade democrática e em paz.

Diante do exposto, levantamos a seguinte hipótese – os contos de fadas estilizados em cordel contribuem para as habilidades de leitura e escrita, considerando os arquétipos – comportamentos humanos coletivos – trazidos pelas narrativas clássicas. Então surge a pergunta-problema – os contos de fadas estilizados em cordel podem estimular a leitura e escrita dos alunos, por meio dos valores humanos?

E, para tanto, o objetivo geral é incentivar a leitura e a escrita poética, enfatizando os valores humanos a partir de contos de fadas estilizados em cordel. Assim, definimos os objetivos específicos – aproximar o aluno da arte literária popular; estimular o fazer poético; e refletir acerca dos valores humanos. Dessa forma, além da **INTRODUÇÃO**, dividimos a dissertação em três seções.

Na **SEÇÃO 1, LEITURA E ESCRITA: DOS CONTOS DE FADAS AO CORDEL**, contextualizamos o processo ensino e aprendizagem a partir de Fiorindo (2012/2015), Kleiman (2002) e Paulo Freire (1989/1996). Paralelamente, sobre o texto literário e o cordel, nos apoiamos em Zilberman (2008), Cândido (2011), Rosa (2017), Cavignac (2006), Haurélio (2013) e Marinho e Pinheiro (2012). Sobre os contos de fadas trazemos Von Franz (1990), Chesterton (2019), Michelli (2012), Coelho (1987), entre outros autores, e quanto à estilização nos apoiamos em Sant’Anna (2003).

Na **SEÇÃO 2 – ESTILIZAÇÃO DOS CONTOS DE FADAS EM CORDEL**, apresentamos o espaço escolar, o perfil dos alunos, os materiais, e as etapas da proposta de intervenção pedagógica.

E na **SEÇÃO 3 – CORDELIZAÇÕES FINAIS**, refletimos sobre a relevância da

⁴ De acordo com Sant’Anna (2003), a estilização significa a produção de um texto a partir de outro já existente, apresentando um desvio tolerável do texto de origem.

proposta de intervenção pedagógica com os cordéis e o respectivo impacto social das atividades de leitura e escrita, a partir da realidade literária popular dos aprendizes, que podem contribuir para a mudança de comportamento, considerando os valores humanos e algumas virtudes para a cultura de paz.

1 LEITURA E ESCRITA: DOS CONTOS DE FADAS AO CORDEL

“Ler é prática criativa e crítica, é exercício poético e político, é experiência estética e ética. Por isso, a leitura é guardiã das possibilidades de transformação do homem e do mundo” (BASEIO, 2012, p. 23).

Inicialmente, abordamos sobre a leitura literária para o desenvolvimento das ações de ler e escrever dos estudantes, colaborando com a formação social e pessoal dos sujeitos. Para tanto, apresentamos as características dos contos de fadas e a contribuição deles para a formação dos valores humanos. Segundo Voz Franz (1990), as referidas narrativas clássicas podem despertar nos leitores o encorajamento para enfrentar os desafios, trazendo sempre os finais felizes e estes permanecem no inconsciente, contendo todas as possibilidades positivas e negativas da vida.

Paralelamente, apresentamos a Literatura de Cordel e sua relevância como material didático utilizado em sala de aula, considerando a estilização, com o objetivo de mostrar a criatividade, imaginação e criticidade a partir das novas produções textuais.

1.1 CONTEXTUALIZANDO A LEITURA LITERÁRIA NA ESCOLA

A formação leitora é um anseio de toda escola e de todo professor, principalmente de Língua Portuguesa, mas não é uma tarefa fácil, pois, mesmo alfabetizados, muitos alunos não são leitores críticos e apresentam dificuldades em construir sentidos para o que leem. Isso acontece porque muitos estudantes não têm o hábito da leitura; a escola é, para a maioria, infelizmente, o único lugar onde eles exercitam a prática leitora.

No que diz respeito ao incentivo à leitura, Fiorindo (2015, p.A7)⁵ afirma que “só gostamos do que conhecemos e ressalto, principalmente, do que conhecemos muito bem”. Diante do exposto, quais são as práticas pedagógicas mais adequadas para desenvolver o gosto pela leitura?

Corroborando com o pensamento mencionado, Kleiman (2002) explica que a leitura tem que ser prazerosa e fazer sentido para se obter um bom resultado, pois, dificilmente, alguém irá gostar de fazer algo que considera difícil demais e que não se consegue extrair o sentido.

O ensino mecânico da leitura não relaciona o texto ao contexto, dessa forma, não faz sentido para quem lê. A respeito disso, Freire (1989, p. 9) afirma que “a linguagem e

⁵ Texto publicado no Jornal A TARDE p. A7 Salvador, segunda-feira, 13/07/2015.

realidade devem se prender dinamicamente”, assim, o aluno poderá se tornar um leitor crítico e fará a leitura reflexiva do mundo.

É perceptível que o ato de ler possibilita novas aprendizagens, contribui para o desenvolvimento intelectual, estimula o autoconhecimento e, conseqüentemente, gera mais harmonia entre as pessoas. A leitura é, sem dúvida, uma das habilidades mais importantes na vida do ser humano, pois nos propicia muitos conhecimentos, nos aproxima de diferentes culturas e nos ajuda a compreender o passado e projetar o futuro, auxiliando no desenvolvimento crítico, cognitivo e emocional; enfim, [...] “ler nos torna mais autônomos e socialmente engajados” [...] (SILVA e ANDRADE NETA, 2005, p. 6).

Michelli (2012) ressalta a relevância do texto literário, pois este possibilita fazer uma leitura além do que está escrito, permitindo ler o não dito, ler a si próprio, o outro e o mundo, ao mesmo tempo que amplia o senso crítico.

A leitura do texto literário é muito importante na vida das pessoas, pois contribui com o processo de formação social e pessoal do sujeito. A respeito disso, Cândido (2011, p. 182) afirma:

Entendo aqui por humanização (já tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.

O referido autor explica, também, que a literatura é uma necessidade profunda do ser humano, é um bem imprescindível, pois contribui para a integridade espiritual. Além disso, ela tem sido uma ferramenta poderosa de instrução e educação, uma vez que o texto literário denuncia e combate os problemas sociais, portanto, é um direito humano inalienável.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), também, destaca a importância dos estudos literários como uma das competências específicas da Língua Portuguesa do ensino fundamental para a construção de um leitor crítico, conforme observamos a orientação do referido documento,

Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura. (BRASIL, 2017, p. 87).

Fiorindo (2012, p. 6) ressalta que “a literatura bem orientada aciona a inventividade de cada um, porque valoriza a subjetividade do leitor. O estudante entrega sua imaginação, revela seu potencial criativo e descobre que é capaz de interpretar e produzir textos interessantes”, contribuindo, assim, com a formação do cidadão crítico.

Além disso, é fundamental que se discutam também, as idiossincrasias dos sujeitos para alcançar o letramento literário, pois cada ser traz suas vivências e experiências de vida. Por mais atribulada que a sociedade esteja, a escola não pode perder de vista a esperança de um mundo melhor; nesse sentido, a fantasia e a literatura movem a vida humana e devem ser as âncoras que nos sustentam e nos fazem suportar as dores deste mundo que, muitas vezes, é injusto, preconceituoso e corrupto.

Nessa perspectiva, Rosa (2017) destaca que o livro de literatura é um material riquíssimo, pois, a partir dele, podemos conhecer outros mundos, outras pessoas. A leitura literária promove prazer, alimenta ideias, além de contribuir com a formação do leitor crítico e do cidadão.

Nesse sentido, a escola precisa estimular o uso de textos literários, partindo, primeiramente, do exercício da leitura, pois este primeiro passo é fundamental para a fruição literária e, quando esta atividade envolve a imaginação e o intelecto, o resultado é sempre positivo. Zilberman (2008, p. 18) ressalta que:

A leitura do texto literário constitui uma atividade sintetizadora, permitindo ao indivíduo penetrar o âmbito da alteridade sem perder de vista sua subjetividade e história. O leitor não esquece suas próprias dimensões, mas expande as fronteiras do conhecido, que absorve através da imaginação e decifra por meio do intelecto. Por isso, trata-se também de uma atividade bastante completa, raramente substituída por outra, mesmo as de ordem existencial.

Diante do exposto, observamos que possibilitar ao aluno a leitura de textos literários é imprescindível, pois, a partir da literatura ele poderá desenvolver sua criatividade, imaginação, percepção acerca da sua vida, da realidade social, tornando-o capaz de questionar e lutar por seus direitos e por um mundo mais igualitário.

1.2 UM OLHAR SOBRE OS CONTOS DE FADAS

Desde a antiguidade, os contos de fadas fazem parte do nosso imaginário. Segundo Schneider e Torossian (2009), essas narrativas têm origem celta por volta do século II a.C. e eram contadas por mulheres mais velhas, trazendo muitas simbologias na educação das

crianças. Porém, a princípio, esses contos não eram destinados ao público infantil pois possuíam conteúdos inapropriados para ele, como adultério, canibalismo e incesto.

As referidas autoras explicam que para serem apropriadas às crianças, essas histórias passaram por adaptações, trocando o universo adulto para a imaginação do mundo infantil. Dessa forma, as amas, as governantas ou cuidadoras dos pequeninos se incumbiam de contar e perpetuar os contos de fadas de geração em geração.

Destacam, também, que os contos de fadas apresentam uma narrativa muito peculiar e isso instiga a mente humana, pois “personagens heróis e, ou heroínas enfrentam grandes desafios para, no final, triunfarem sobre o mal. Permeados por magias e encantamentos, animais falantes, fadas madrinhas, reis e rainhas, ogros, lobos e bruxas personificam o bem e o mal” (SCHNEIDER e TOROSSIAN, 2009, p. 135).

Os heróis e heroínas representam, segundo Voz Franz (1990), o modelo adequado de comportamento, conforme os princípios morais, pois trazem sempre o funcionamento sadio das coisas, a harmonia e o equilíbrio, e dessa forma alcançam a plenitude no final da história.

Os contos de fadas, a partir da Revolução Industrial, conforme Schneider e Torossian (2009), eram marcados pela Moral Vitoriana, termo utilizado para se referir ao período do Reinado da rainha Vitória do Reino Unido, que descrevia qualquer conjunto de valores relacionados às restrições quanto às questões sexuais. É importante considerar que naquela época os conceitos de infância e de educação não eram vigentes.

De acordo com a revisão de literatura, encontramos Perrault como precursor das narrativas populares, com os *Contos da Mamãe Gansa* que veio a público em meados de 1697. O referido autor também registrou uma versão da história de *Chapeuzinho Vermelho* e os contos *A Bela Adormecida*, *Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *As Fadas* e *Cinderela*.

Segundo Schneider e Torossian (2009), os irmãos Grimm trouxeram um sentido mais humanitário aos contos, valorizando a solidariedade e o amor ao próximo. Dentre as narrativas temos: *A Bela e a Fera*, *Os Músicos de Bremen*, *Branca de Neve e os Sete Anões* e *A Gata Borralheira*.

Atualmente, os contos de fadas continuam no universo imaginário infantil, mas apresentam algumas modificações, podendo trazer inversões nas funções tradicionais das personagens e também nas histórias. Como por exemplo, a *História meio ao contrário* de Ana Maria Machado (1986). Nessa narrativa, o convencional final feliz é alterado, “Fim que é começo, ou melhor, meio para uma história que não sabe bem definir onde é o seu começo, pondo em crise a causalidade e a sucessividade temporal”. (PALO e OLIVEIRA, 2006, p. 25).

Em relação às fadas e às bruxas, Michelli (2012) explica que, na contemporaneidade, há relatividade nas fronteiras maniqueístas e no antagonismo entre essas duas personagens, como no livro *Uxa, ora fada, ora bruxa*, de Sylvia Orthof (2012).

Muitas mudanças ocorreram, mas as narrativas dos elfos⁶ ainda causam espanto, alegria e imaginação. Mesmo sendo voltadas ao público infantil, os adultos também adoram essas histórias. Hoje, muitos contos de fadas foram adaptados para filmes, como os da Walt Disney, enfim sejam nos livros, nas telas do cinema ou na oralidade, a magia não se perde e os ensinamentos são muitos. Sobre magia entende-se como a arte de produzir encantamento e mistura de sentimentos provocados, a partir das ações dos personagens, nos leitores, principalmente nas crianças, fazendo-os refletirem de maneira leve e divertida sobre os comportamentos humanos.

Considerando o audiovisual, no Grupo de Pesquisa Psicolinguística Perspectivas Interdisciplinares (GPLPI/UNEB), desenvolvemos o Projeto “Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo (NUPE/UNEB/DCH-V)⁷, em que estilizamos as narrativas clássicas, ou seja, realizamos pequenas alterações que não afetam o sentido do texto fonte e abrem perspectivas para objetivos específicos, como por exemplo, a aquisição de hábitos alimentares saudáveis, conforme visualizamos o cordel e o filme curto, a seguir:

João e o Pé de Feijão: cultivando a nutrição

I

Era uma vez um guri
Conhecido por João
A mãe lhe dava carinho
Vivia em casa de chão
Era na zona rural
As coisas iam bem mal
Faltava até o pão.

II

Só lhes restaram a vaca
Que o João tinha apreço,
Mas sua mãe sem opção,
Não sabia qual o preço
- Filho, vende esse bicho!
Falando-lhe num cochicho,
Já era um bom começo.

III

João bem triste botou
A vaquinha para vender
Chegou a um certo senhor
Essa vaca oferecer.
Seu José, o comprador
Era desesperador
Pagou sem nem responder.



IV

Porém o homem pagou
Com feijões que eram mágicos
E sem ter o que comer,
O João ficou nostálgico.
Sua mãe enraivecida
Ficou toda estarecida
Por esse contexto trágico.

V

Deixou João de castigo
A noite toda a chorar
E sem ter o que fazer
Começou logo a sonhar.
Enquanto sua genitora
Mesmo sendo protetora
Continuava a reclamar.

⁶ Termo utilizado para se referir aos seres elementais presentes nos contos de fadas.

⁷ O referido Projeto é coordenado pela Prof.^aDr.^a Priscila Peixinho Fiorindo, no Departamento de Ciências Humanas – Campus V da UNEB, em parceria com o Prof. Me. Elton Magalhães, e composto por alunos e ex-alunos do PROFLETRAS, da graduação em Letras em Inglês (UNEB) e participantes externos.

VI

Sua mãe com muita raiva
No outro dia, ao acordar,
Jogou todos os grãos fora
Não dava pra cozinhar.
Um imenso pé de feijão
No quintal cresceu então
João foi averiguar.



VIII

A senhora o recebeu
Com um café delicioso
Tinham frutas, coisas boas...
Um doce maravilhoso
Bolo feito de maçã,
Chips semente, avelã
Tudo muito saboroso.

VII

Subiu e logo notou
Um castelo encantado
Muito rico e luxuoso.
Ficou logo admirado
Viu uma senhora legal
A esposa do cara mau,
Um homem bem desvairado.

IX

O João nunca na vida
Havia comido assim
E logo teve uma ideia:
“Vou fazer também pra mim!
Não preciso mais gastar,
Tudo vou reaproveitar
Da natureza, enfim”.

X

Então chegou o gigante
Relutante em repartir.
Seu segredo secular
Não queria dividir
Alimentos tão saudáveis
Muito bons e formidáveis,
Não queria difundir.

XI

A esposa do gigante
Retrucou com o marido,
Homem por demais maldoso.
Mas João era bem-vindo
Ensinou-lhe a aproveitar
Fruta, verdura a ficar
No processo intervindo.



XII

João desceu bem contente
Falando à sua genitora:
“Os problemas terminaram!
Uma dama detentora
Do saber me ensinou:
Reaproveite, mencionou,
Essa moça benfeitora”.

XIII

João teimoso queria
Aprender coisas legais.
Subiu até o castelo
Querendo aprender mais
Viu a esposa do gigante
Que, de modo relevante,
Ajudou ele demais.

XIV

O gigante vendo aquilo
Ficou muito furioso
Mas a senhora impediu
E João bem afrontoso
Aprendeu a cultivar
Para se alimentar.
Que menino ambicioso!

XV

Muito tempo se passou.
Agora, bem sucedido,
Ao castelo ele voltou.
Viu o gigante aguerrido,
Dormindo bem sossegado
E agora mais delicado
Com um jeito comedido.

XVI

Entendeu de uma vez:
Só queria cultivar
Os alimentos saudáveis
Pra a família alimentar
Esse gesto tão incrível
Foi o que tornou possível
Um amigo conquistar.

Fonte: CERQUEIRA, Tânia. João e o Pé de Feijão: cultivando a nutrição. In Cordelizando a nutrição: arte e consciência alimentar. *Revista Pandora Brasil*. Organização Priscila Peixinho Fiorindo e Elton Magalhães. ISSN 2175-3318. n° 109 novembro de 2020.

Figura 2 – Audiovisual João e o Pé de Feijão: cultivando a nutrição (CERQUEIRA, 2020)



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=xpznZLi_fAE

Segundo Sant'Anna (2003, p. 14) “quando há a estilização, não há mais discordância, e, sim, ao contrário, concordância dos dois planos: o do estilizando e o do estilizado”. O conto de fada estilizado manteve a originalidade da história, respeitando a sua essência e magia, mas trouxe novas ideias à narrativa, focando na alimentação saudável.

1.2.1 A magia dos contos de fadas

A magia literária pode cativar e instigar os alunos a viajarem no mundo da leitura, ao ir além do real, proporcionando a imaginação. A magia dos contos de fadas, conforme mencionada no item 1.2, é ainda mais encantadora já que, a partir do imaginável e da fusão de sentimentos provocados pelas ações dos personagens, faz com que o leitor descubra caminhos possíveis para alcançar o prazer na e pela leitura dos elfos, encontrando-se com o seu mundo interior. As reflexões e inquietações, portanto, partem da alma, mas refletem nas ações coletivas.

Os contos de fadas fazem parte da nossa herança cultural, pois ouvimos essas histórias em algum momento de nossas vidas. As narrativas dos elfos são transmitidas de geração em geração e hoje, mesmo diante de tantos atrativos apresentados pelo mundo moderno, sobrevivem no nosso imaginário e a imagem a seguir representa o mundo simbólico desse universo imaginário presente nos contos de fadas:

Figura 3 – Mundo dos Elfos



Fonte: <https://pixabay.com/pt/photos/fantasia-elfos-mundo-dos-sonhos-3186531/>

As referidas narrativas fogem do mundo real e da lógica comum, apresentando um mundo mágico cheio de seres elementais que trazem a bondade e a maldade. Tais características fazem com que os leitores coloquem em xeque esse maniqueísmo e reflitam sobre seus valores e virtudes. Essa visão maniqueísta é baseada na moral cristã que separa o divino do diabólico, a luz das trevas.

Segundo Michelli (2012), nos contos de fadas, a bruxa representa as ações maléficas e traz um físico assustador, já a fada conserva os atributos do bem e é repleta de beleza. Atualmente algumas narrativas dos elfos romperam com essas fronteiras, trazendo novos conceitos de fadas e bruxas.

É importante compreender que os contos de fadas apresentam características específicas que os diferem de qualquer outra narrativa. Coelho (1987) explica que as narrativas dos elfos são de natureza espiritual, ética e existencial, pois trazem o mundo interior do ser humano, trata-se da luta do eu numa busca da realização interior profunda.

Segundo Flores (2016), os contos de fadas possuem elementos comuns uns aos outros como por exemplo, a presença de um herói ou heroína que passa por conflitos e que precisa enfrentar muitos obstáculos, às vezes sobrenaturais, para encontrar uma solução extraordinária e assim ter um final feliz.

Corroborando com esse pensamento, Coelho (1987, p. 75) explica que há sempre a presença dos desafios a serem vencidos. “Entre o real do cotidiano e o mistério do imaginário, desaparecem as fronteiras, mostrando a vida como algo muito difícil de ser enfrentado, mas, talvez por isso mesmo, extremamente valiosa e merecedora dos mais extremos sacrifícios”.

Todos nós buscamos o sentido e o significado da vida, superando nossos medos, enfrentando “nossos monstros” para alcançarmos a plenitude. Nesse sentido, os contos de

fadas, conforme Flores (2016), contribuem, principalmente, para que as crianças compreendam melhor os conflitos internos que fazem parte de qualquer ser humano, assim como a busca pela solução das incompreensões que podem gerar enfrentamentos.

Há, nestas histórias, a ambiguidade entre o bem e o mal, assim como os sentimentos presentes nas relações humanas, como a inveja que as irmãs da *Gata Borralheira* sentiam por ela e a maldade praticada por sua madrasta. Assim, ao ler esses contos, as crianças, segundo a referida autora, podem internalizar os conceitos de moralidade, identificando nas personagens essas características, aprendendo a lidar com seus sentimentos e nas relações com o outro.

Os contos de fadas contemporâneos são recheados de humor, leveza e alegria e isso, de certa forma, ameniza os medos e as tristezas presentes neles, por isso, “essa literatura entende-se tão bem com o espírito das crianças”. (COELHO, 1987, p. 75).

Outro aspecto importante é a presença do fantástico nas narrativas clássicas, segundo Michelli (2012), o tempo mítico em que se passam o “era uma vez”, os animais falantes, como o Lobo de *Chapeuzinho Vermelho*, os objetos mágicos, como a varinha das fadas e as intervenções mágicas ou divinas que resolvem as coisas de maneira instantânea são exemplos marcantes nessas histórias.

No entanto, vale ressaltar, conforme a autora, que contos maravilhosos diferem dos contos de fadas, pois o primeiro apresenta natureza material, social e sensorial, abordando assuntos do cotidiano, diferente do segundo que traz histórias ligadas à magia e à realização interior do ser humano.

Bastos (2015) explica que a narrativa dos contos de fadas começa com uma situação de equilíbrio, mas logo é modificada por causa de um conflito sofrido pelo herói ou heroína. Depois a personagem com o apoio de outros seres, como as fadas ou objetos mágicos, triunfa e alcança o final feliz.

Voz Franz (1990, p. 36) enfatiza que a estrutura dessas narrativas clássicas sempre se inicia com um “Era uma vez...” ou algo semelhante, isso significa fora de tempo e de espaço, ou seja, a “terra-de-ninguém” do inconsciente coletivo. Depois, algum problema sempre aparece no enredo, em seguida, as peripécias, o clímax e o desfecho, com o final feliz ou catastrófico, mas o que predomina é o “felizes para sempre”.

Enfim, os contos de fadas trazem aspectos reais da nossa vida, apresentam nossos instintos mais grosseiros e humanos, fazendo-nos questionar, através das personagens e tramas, nossas condutas, nossos limites e por isso essas narrativas tão singulares e especiais.

1.2.2 Contos de fadas e arquétipos

Os contos de fadas instigam, por meio do enredo, a superação das dificuldades e nos ajudam a compreender o mundo, já que trazem os valores éticos e morais a partir das experiências vividas pelas personagens. Nessa perspectiva, percebemos o porquê dos contos de fadas serem atemporais e, como afirma Colasanti (1992, p.71), são “as pérolas da criação literária”, pois apresentam histórias que servem para qualquer idade e trazem temas que alimentam à alma humana.

Vale lembrar que as narrativas dos contos de fadas são marcadas por imagens e símbolos que representam o imaginário da humanidade e Voz Franz (1990), com base em Carl Gustav Jung, classifica esses elementos como arquétipos – comportamentos humanos, que estão enraizados no inconsciente coletivo. Nesse sentido, os contos dos elfos são relevantes para a investigação científica do inconsciente, pois são a expressão mais pura e simples desses processos psíquicos.

Todos os seres humanos têm suas particularidades que os diferem de qualquer ser, mas são as coisas mais essenciais e comuns a todos os seres que são importantes e valiosas. A busca pelo bem comum é o princípio da democracia; nesse sentido, da mesma forma que compreendemos que a opinião dos homens comuns a assuntos do cotidiano é relevante, devemos, também, valorizar e reconhecer a importância das fábulas, lendas, contos de fadas e mitos, pois “O país das fadas é simplesmente a terra ensolarada do senso comum”. (CHESTERTON, 2019, p. 61).

Outro aspecto relevante a respeito dessas narrativas atemporais, conforme o autor, é que nelas tudo se justifica pela magia, ou seja, não questionamos, por exemplo, uma abóbora virar uma carruagem ou um pé de feijão se erguer até o céu.

Cada vez mais observamos a busca pelo autoconhecimento para encontrar o sentido da vida e, por isso, o equilíbrio entre a parte física, psíquica e espiritual torna-se imprescindível no processo de conhecer a si próprio e, paralelamente, nos contos de fadas podemos encontrar essa harmonia nas três instâncias.

Príncipes e heróis que carregam uma missão dotada de valores humanos individuais e coletivos, que se empenham para solucionar os problemas, fazem o bem, sem interesses pessoais. Assim como os heróis e heroínas buscam ser felizes para sempre, nós também lutamos no nosso dia a dia por uma vida mais harmoniosa e feliz. Ao compreender todas estas características, percebemos a importância dos contos de fadas, pois nos incentivam a pensar, a sentir e a compreender a complexidade humana.

De acordo com Von Franz (1990, p. 17), uma das razões que levou Jung a se dedicar aos estudos e análises de contos de fadas é que nestas narrativas se pode estudar melhor a "anatomia comparada da psique". Desse modo, proporcionar a leitura de contos de fadas em sala de aula, é oportunizar momentos de reflexão acerca das atitudes humanas, até mesmo aquelas mais rudes e grosseiras, mas de maneira leve e sutil.

Envolver os leitores nestas histórias é proporcioná-los momentos inimagináveis e fantásticos, fazendo-os refletirem acerca da vida com suas dificuldades e desafios, conforme observamos a seguir:

As narrativas insólitas fraturam o senso comum e cotidiano, promovendo a alteridade e a abertura ao inusitado, instaurando o novo. Esses traços por si sós já justificariam a adoção desse tipo de literatura em atividades escolares, que carecem de constante renovação e devem primar pela criatividade. (MICHELLI, 2012, p. 52).

Nessa vertente, verificamos a relevância dos contos de fadas, na educação do ser humano, pois refletem sobre as virtudes e valores humanos, além disso, ler essas histórias nos tira da vida rotineira e, muitas vezes, vazia; alimenta a alma, nos faz sonhar e acreditar que a vida pode ser mais leve e próspera para todos.

1.3 VALORES HUMANOS E VIRTUDES

Afinal, o que são valores humanos? Segundo Pedro (2014), a palavra valor deriva do latim *valere* e se refere à ideia daquilo que vale ou merecimento, além disso, a especificidade do valor está organizada em torno dos conceitos bom e mau. No entanto, há confusão quanto à classificação de valores como somente valores morais. A respeito disso, a autora mencionada ressalta que há diversidade de valores, por exemplo, valores materiais que são aqueles que satisfazem as necessidades do corpo, podendo ser dispensáveis ou indispensáveis. Há também os valores religiosos que são os princípios adotados pelos fiéis com base na religião que fazem parte. Enfim, são muitos valores, tais como estéticos, ecológicos, econômicos, por isso, é um equívoco, também, conceituar valores e virtudes como sinônimos.

Já a virtude refere-se às qualidades da pessoa, conforme de La Taille (2000), trata-se de um juízo de valor feito a respeito de alguém, além disso, representa um ideal a ser alcançado. Ser uma pessoa íntegra, justa e honesta são virtudes e significa, também, valores; mas ser belo é um valor, entretanto não é uma virtude. Nesse sentido, nem todo valor é uma virtude, mas toda virtude é um valor, conforme já mencionado. Enfim, as virtudes são necessárias, pois servem de parâmetro para sabermos o que são valores ou não para nós e para

a sociedade.

Silva (2008) considera que as virtudes derivam da prática, ou seja, se aprende a ser justo quando se pratica a justiça, sendo assim, a nossa forma de agir, seja ela boa ou má, está de acordo com o nosso hábito. Aristóteles (1942) ressalta que uma boa ação é aquela que busca o meio-termo, mas só se alcança através das virtudes acompanhadas da razão; já a ação má se refere ou ao excesso ou à carência das virtudes, conforme visualizamos a seguir:

Figura 4: Excesso ou a carência das virtudes



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CbqWrSWuyYA/>

Nessa perspectiva, Martinelli (1996) apresenta alguns valores importantes para a construção de uma sociedade não violenta como a cooperação, altruísmo, respeito à cidadania, à natureza e a todas as formas de vida.

É preciso refletir com os estudantes que somos frutos da Terra e seus elementos; sendo assim não haverá vida humana no futuro próximo se os homens não respeitarem e preservarem a natureza. “Demonstramos nosso nível de autoconhecimento respeitando cada forma de vida como sistema do qual somos parte integrante” (MARTINELLI, 1996, p. 47), portanto, as escolas devem discutir a respeito dos riscos ambientais causados pelo agronegócio, principalmente, nas escolas do campo.

Paralelamente a essa discussão, a referida autora destaca que o cuidado com o corpo e a alma perpassa, também, pela boa alimentação, conforme vimos no exemplo da história estilizada em cordel na subseção 1.2. Por isso, a relevância de promover discussões com os educandos sobre a importância de comer com qualidade para o desenvolvimento de uma saúde física e emocional; de valorizar os produtos naturais, livres de agrotóxicos e incentivar

a agricultura orgânica e familiar, de forma urgente, devido à aprovação do Projeto de lei 6299/2022, em 09 de fevereiro de 2022, sobre a flexibilização do controle e a aprovação de agrotóxicos⁸ no Brasil, em que exclui a atuação direta do Ministério da Saúde, da Anvisa e do Ibama do controle de agrotóxicos no país.

No que se refere à saúde emocional, um dos maiores problemas desse século é a depressão e, atualmente, muitos jovens têm sofrido com essa doença e buscado a fuga por meio das drogas. Dessa forma, percebemos a relevância do desenvolvimento da imaginação, do sentimento e intuição, que nos ajudam a esclarecer aspectos desconhecidos de nós mesmos:

A imaginação criativa, as visualizações, suas imagens e símbolos, ajudam a entrar em contato com nossas dimensões interiores e criam ligações entre elas. Pelas visualizações criamos instrumentos eficazes de ampliação da capacidade de sentir, compreender e usufruir a vida e suas incontáveis oportunidades de aprendizados. (MARTINELLI, 1996, p. 121).

Nesse sentido, a escola deve estar atenta a essas discussões, mas ela precisa do apoio da família, que deve ser a base na formação do caráter dos escolares. Portanto, é fundamental a integração família e escola, educando os escolares de maneira honesta e amorosa, principalmente a partir de suas condutas diárias.

Diante dessa realidade, fica perceptível a pertinência dessas discussões dentro e fora do espaço escolar e, conforme mencionado no item 1.2.2, os valores humanos estão presentes nos contos de fadas e são identificados a partir das tomadas de decisões das personagens, suas experiências de vida, suas relações com o outro e com o mundo. Segundo Feitosa e Gaudêncio (2014), não se trata de abordar a moralidade, mas a certeza de que uma pessoa pode enfrentar seus medos, seus desafios e ter êxito.

Os referidos autores fazem análise de alguns contos, com base nos estudos da Logoterapia criado por Frankl (2007), que significa cuidar do sentido da vida e nomeia os valores em categorias denominando-os como valores criadores, valores vivenciais e valores atitudinais, ou seja,

O primeiro diz respeito à atividade de produção do homem, quando este cria algo e expressa sua capacidade de agir sobre o mundo e transformá-lo, é um “doar” ao mundo. O segundo insere-se nas vivências dos relacionamentos, no encontro de um tu e/ou na contemplação dos valores estéticos, compreende a esfera do “receber” do mundo. Já a terceira e última categoria se refere às tomadas de decisão do homem frente a um sofrimento inevitável, sendo um “escolher” e um “decidir”. (FEITOSA e GAUDÊNCIO, 2014, p. 160).

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/meio-ambiente/noticia/2022/02/14/o-que-mudaria-na-pratica-com-o-pl-dos-agrotoxicos.ghtml>

A sociedade enfrenta tempos difíceis, marcados pela violência e conflito entre as pessoas. A falta de amor, o desrespeito e o medo são frequentes nos relacionamentos. O descuido do ser humano e da natureza em prol do crescimento econômico e tecnológico está colocando em risco o futuro da humanidade e do Planeta.

A busca por fama e poder como requisito de felicidade tem gerado graves conflitos internos, deixando as pessoas frustradas e infelizes. O preconceito relacionado, principalmente, à classe, raça, gênero e religião desmascaram ainda mais a falta de respeito e a ausência de amor próprio e amor ao próximo. Todos esses problemas são frutos da inversão de valores e, diante desse cenário, a escola precisa ser um espaço acolhedor e estimulante do autoconhecimento e das virtudes tão essenciais à vida do homem em sociedade.

A narrativa *Cinderela* retrata a história de uma jovem que é muito maltratada pela madrasta e suas filhas, mesmo assim, ela faz de tudo para agradá-las. Dedicar-se em tempo integral à arrumação da casa, ao bem-estar dos demais moradores do lar. Em momento algum na história a personagem demonstra revolta ou fúria, apenas realiza suas funções com dedicação e zelo. Feitosa e Gaudêncio (2014) destacam que Cinderela não alimenta sentimentos negativos, mesmo sendo tratada como um serviçal. Por isso, é perceptível no conto conforme Frankl (2007), os valores vivenciais e atitudinais, como a bondade, simplicidade, gentileza; e destaca a humildade como o valor que mais se sobressai nas atitudes da personagem.

Chalita (2003, p. 134) ressalta que o caminho da Cinderela até o encontro com o príncipe foi tortuoso, mas ela estava à disposição para enfrentar todos os desafios, pois acreditava em seu potencial, tendo como valor primordial para alcançar a vitória, a humildade:

A humildade, na verdade, funcionou como resistência às influências maléficas da madrasta e proporcionou o crescimento interior de Cinderela, que, mesmo sofrendo o desprezo e a vilania de suas carrasacas, transcende todos os sentimentos que possam levá-la a uma vingança e concede o perdão às malfeitoras. Além de resistência, a humildade também facultou a descoberta das suas próprias potencialidades, levando-a “a conquistar, no final de tudo, a recompensa necessária em forma de felicidade eterna”. (CHALITA, 2003 apud FEITOSA e GAUDÊNCIO, 2014, p. 165).

A partir dessas discussões observamos que os contos de fadas estilizados em cordel podem transmitir valores e são instrumentos para a compreensão da humanidade diante de seus dilemas, medos e conflitos. Por isso, oportunizar aos estudantes a leitura e reflexão dessas narrativas estilizadas é permitir experiências acerca de seus limites e superações; é

vivenciar, por meio das personagens, reflexões sobre virtudes e valores tão importantes para a sociedade.

1.4 LITERATURA DE CORDEL

Afinal o que é Literatura de Cordel? Para responder a essa questão, trazemos um trecho do cordel de Medeiros Braga (2014):

O cordel em cordel

Perguntaram certa vez
Ao mestre Raymond Cantel,
Um francês estudioso
Que saber tem a granel
O que vinha a ser, de fato,
Ao pé da letra, o cordel.

Já podia bem de antes
Por certo conceituar
De “narrativa e impressa”,
Vindo ele a acrescentar,
Com maior convencimento,
A palavra “popular”.
[...]

O cordel, definitivo,
Pôde um conceito ganhar:
“É POESIA NARRATIVA,
IMPRESSA E POPULAR”,
Por essa forma, podendo
O que se pensa, narrar.

Cordel são esses folhetos
Com estrofes uniformes
De seis, sete, ou dez versos
Com os temas mais disformes
Que podem ser muito curtos,
Médios, maiores, enormes.
[...]

Fonte: <http://cordel desaia.blogspot.com/2014/02/o-cordel-em-cordel-de-medeiros-braga.html>

O cordel de Medeiros Braga segue a estrutura básica da sextilha, ou seja, estrofe de seis versos com sete sílabas poéticas em cada verso, em que os versos pares rimam entre si. De modo criativo, o cordelista traz como tema o próprio Cordel, apresentando a história, as características e a estrutura desse gênero literário.

Além das características descritas, nas estrofes desse cordel, é importante destacar a

relevância da xilogravura. De acordo com Cavnac (2006), trata-se de gravuras sobre a madeira, que depois são preenchidas com tinta e passadas para o papel como se fosse uma espécie de carimbo. A referida arte atrai os leitores e valorizam o cordel, conforme a ilustração a seguir:

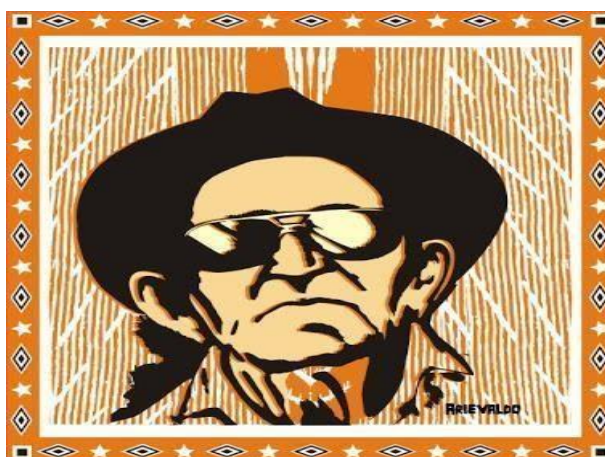
Figura 5 – Xilogravura – J. Borges



Fonte: <https://laart.art.br/blog/xilogravura-de-cordel/>

Entretanto, é preciso atentar para outras formas de ilustração dos cordéis, conforme Haurélio (2013), pois as imagens expostas nas capas dos folhetos passaram a ter novas técnicas, devido ao avanço tecnológico. Nessa vertente, temos a infogravura que é conceituada por Arievaldo Viana como desenhos computadorizados, conforme observamos na ilustração:

Figura 6 – Infogravura – Arievaldo Viana



Fonte: <http://acordacordel.blogspot.com/2013/02/texto-de-artur-pires.html>

Paralelamente, temos as isogravuras que são reproduções criadas a partir da matriz

da placa de isopor. O artista risca o desenho no isopor, depois passa a tinta preta e prensa numa folha de papel para obter a imagem, conforme ilustração a seguir:

Figura 7 – Isogravura – Lenuarte



Fonte: <https://www.facebook.com/lenuarte/photos/pcb.872052456641761/872052343308439/>

Ao analisar os tipos de capas dos cordéis, verificamos a simplicidade e ao mesmo tempo a grandeza desses trabalhos, independente de ser xilogravura, infogravura ou isogravura, a mensagem é transmitida e o objetivo também, já que o intuito é conquistar os leitores a partir das imagens expostas nas capas dos livretos de cordel, tornando essas histórias ainda mais instigantes e emocionantes.

No que se refere à história da literatura de cordel, observamos que ainda persiste a ideia de literatura popular ibérica, porque ela era vendida nas ruas de Portugal, pendurada em barbantes. Na região do Nordeste brasileiro, segundo Cavignac (2006), o cordel começou a aparecer sob sua forma atual no fim do século XIX, mas manteve essa nomenclatura porque os folhetos eram expostos à venda, pendurados e presos por pregadores de roupa, em barbantes esticados entre duas estacas, fixados em caixotes.

Entretanto, a referida autora explica que a definição folclórica do cordel, que o resume a folhetos presos em corda ou barbante, não reflete em nada a realidade de uma literatura popular em verso ainda bastante viva e muito original.

A estudiosa, também, ressalta que com o êxodo rural, no Brasil na década de 1950, causado, principalmente, pelos abalos radicais do sistema agrícola tradicional e da modernização geral que tomou conta do país, fez surgir o nascimento de um folheto urbano. Porém, a lembrança do sertão é mantida pela evocação dos folhetos e, mesmo que tenham surgido novos temas, a referência a um fundo cultural comum e às histórias tradicionais está

sempre presente.

Hoje, no Brasil, são muitos cordelistas que se destacam e o precursor do cordel brasileiro foi Leandro Gomes de Barros, poeta paraibano radicado no velho Recife. Os centros da produção cordelística até a primeira metade do século XX eram na Paraíba e Pernambuco, mas com a chegada do alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante à Bahia, isso mudou, pois ele fez do Mercado Modelo um centro difusor da lira popular.

Haurélio (2013) explica que as produções cordelísticas sofreram baixa, principalmente na década de 1980, por causa das sucessivas crises econômicas e a falta de renovação, pois escrever cordel e sobreviver dessa arte nunca foi fácil.

Diante dessa realidade, alguns estudiosos começaram a propagar a morte da literatura de cordel, mas felizmente isso não aconteceu. O referido autor destaca que, na última década do século XX, graças a uma nova geração que valorizou a preservação da temática tradicional e, aceitando novos desafios, incorporando a poesia popular à literatura infantil e juvenil, contribuiu para o fortalecimento do cordel, levando-o, também, para o contexto escolar.

Hoje, há poucos espaços para o contato com a literatura oral mediada pelos adultos, por isso a escola deve proporcionar atividades e situações que favoreçam o contato das crianças e adolescentes com os folhetos de cordel. Marinho e Pinheiro (2012) informam que há uma aproximação entre a literatura popular e a literatura infantil brasileira e isso pode ser uma ótima estratégia para a inserção da leitura de cordel em sala de aula, pois:

Há em muitos cordéis, traços como o predomínio da fantasia, inventividade ante situações inesperadas/complexas, musicalidade expressiva, caráter fabular, marcas comuns à literatura para crianças. O humor é presença marcante tanto na poesia para crianças quanto no cordel. Também um filão do cordel que aproxima à literatura para as crianças é a recriação de contos de fadas tradicionais. (MARINHO e PINHEIRO, 2012, p. 49).

Uma das características mais marcantes na literatura de cordel é a diversidade temática existente em suas histórias como, por exemplo, amor, disputas entre os cantadores, política, príncipe e princesas, enfim é impossível delimitar os temas apresentados nos folhetos, como verificamos a seguir:

Todo assunto parece ter sido tratado pelo cordel, mas é antes de tudo o sertão que dá seu quadro geográfico aos relatos e oferece temas específicos à região. Tratando do passado ou da atualidade, fatos quotidianos locais (cenas de feira livre, desastres, campanhas políticas, catástrofes), a literatura de cordel é, sobretudo, apreciada por seus romances nos quais a imaginação e o talento do poeta podem expressar-se à vontade: descrições de mundos fantásticos ou distantes, princesas em perigo, visitas ao inferno, fim do mundo próximo, monstros e aparições misteriosas conseguem em geral um grande sucesso. (CAVIGNAC, 2006, p. 91).

Os romances de encantamento, também chamados de contos maravilhosos, chegaram com os europeus e aqui se fixaram desde os primeiros dias da colonização. Segundo Haurélio (2013), os cordelistas nordestinos, nascidos e criados num ambiente em que era muito comum o hábito de contar histórias, mantiveram viva a tradição e passaram a contá-las através de seus cordéis.

Os poetas populares reescrevem, com maestria, muitas histórias clássicas, com uma linguagem criativa e de fácil compreensão, transmitindo de maneira criativa e envolvente muitas mensagens importantes, presentes nestas narrativas. Por isso, trabalhar esses contos em cordel nas escolas é relevante porque oportuniza a leitura desses clássicos de uma forma lúdica e divertida. Corroborando com esse pensamento, Cavignac (2006) ressalta que muitos personagens míticos, representados nos contos maravilhosos, são abordados nos folhetos com o intuito de reafirmar os valores, hoje ameaçados, para transmitir um olhar da sociedade.

No entanto, vale lembrar que, como no início as produções dos cordéis eram realizadas por homens que reverberaram os problemas sociais, políticos e ideológicos do seu tempo, eles retratavam e alguns ainda retratam o machismo, misoginia e racismo. Muitos cordéis abordavam a vida do povo nordestino e Albuquerque Júnior (2013) enfatiza que o nordestino é uma figura que vem sendo desenhada por uma vasta produção cultural, seja na literatura popular ou erudita, ao longo dos anos.

O referido autor ressalta ainda que prevaleceu, por muito tempo, a ideia de uma figura viril, máscula, rústica, campestre, filho da terra e do sol, cabra macho, o dono da casa. Sendo assim, muitos cordelistas transmitiam essa visão machista em seus versos, como o exemplo a seguir *O Bataclan Moderno* (ATHAÍDE, 1953, p. 1-2), publicado em Recife nos primeiros anos do século XX:

Mundo velho desgraçado
Teu povo precisa um freio,
Para ver se assim melhora
Este costume tão feio
De uma moça seminua
Andar mostrando na rua
O sovaco a perna o seio.
[...]

As senhoritas de agora
É certo o que o povo diz,
Não há vivente no mundo
Da sorte tão infeliz;
Vê-se uma mulher raspada
Não se sabe se é casada,
Se é donzela ou meretriz.

No exemplo verificamos que o cordelista estava inconformado com as mudanças de comportamentos das mulheres, principalmente no que se refere ao jeito de se vestir, deixando evidente a visão patriarcal da época. Atualmente, muitas cordelistas têm lutado para combater o machismo e o racismo na literatura popular, como Izabel Nascimento e Jarid Arraes, apresentando uma visão diferente acerca da mulher, principalmente da mulher negra, suas lutas e conquistas, colocando-a como personagem principal em suas histórias, como o cordel *Maria Felipa* (ARRAES, 2017, p. 97):

Nos registros brasileiros
A injustiça predomina
E o danado esquecimento
Na injustiça se culmina
Pois ainda não se acha
Tudo o que se examina

Esquecidas da história
As mulheres inda estão
Sendo negras, só piora
Esse quadro de exclusão
Sobre elas não se grava
Nem se faz uma menção [...]

Esse é um dos cordéis que faz parte do livro *Heroínas Negras Brasileiras* de Jarid Arraes que retrata, em forma de cordel, a vida de mulheres negras que se destacaram em suas lutas pela liberdade e por seus direitos. A intenção da autora é dar visibilidade a essas mulheres que foram relegadas ao esquecimento na história e na literatura brasileira.

O cordel se caracteriza, também, pela singularidade da métrica e rimas. A estrofe básica é a sextilha, estrofe de seis versos com sete sílabas poéticas em cada verso, em que os versos pares rimam entre si, conforme Haurélio (2013), e deve seguir a estrutura **XAXAXA**, onde a letra **A** corresponde aos versos que rimam entre si e os versos representados pela letra **X** não possuem rimas, assim como no trecho do cordel, a seguir:

Exemplo 1 – *Presepadas de Chicó e Astúcias de João Grilo* (HAURÉLIO 2013, p. 71)

X João Grilo foi um menino
A De grande sagacidade,
X Aprimorou a esperteza
A Devido à necessidade
X Enganava a todo mundo
A Com muita facilidade.

A septilha é composta por estrofes de sete versos (Haurélio, 2013), e os versos que rimam entre si são o 2º, o 4º e o 7º (**A**), além do 5º e do 6º (**B**). O 1º e o 3º, representados por **X**, não rimam entre si, conforme o trecho a seguir:

Exemplo 2 – A chegada de Lampião no inferno⁹

- X Um cabra de Lampião
- A Por nome Pilão Deitado
- X Que morreu numa trincheira
- A Em certo tempo passado
- B Agora pelo sertão
- B Anda correndo visão
- A Fazendo mal-assombrado

A décima é composta por estrofes de 10 versos de 7 sílabas poéticas. Predomina a estrutura **ABBAACCDDC**, onde o 1º verso rima com o 4º e o 5º versos; o 2º verso rima com o 3º; o 6º verso rima com o 7º e o 10º; o 8º verso rima com o 9º, conforme observamos:

Exemplo 3 – As obras da natureza¹⁰

- A As obras da Natureza
- B São de tanta perfeição
- B Que nossa imaginação
- A Não pinta tanta grandeza,
- A Para imitar a beleza
- C Das nuvens com suas cores
- C Se desmanchando em louvores
- D De um manto adamascado
- D O artista com cuidado
- C Da arte aplica os primores.

O martelo agalopado (estrofe de dez versos de dez sílabas poéticas) segue a mesma estrutura da décima **ABBAACCDDC**, porém são marcados por acentuação tônica nas terceira, sexta e décima sílabas, conforme verificamos a seguir:

Exemplo 4 – Galopando o Cavalo Pensamento (HAURÉLIO, 2013, p. 72)

- A A Senhora dos Túmulos observa
- B O vaivém da tacanha mocidade,
- B Que despreza a virtude e a verdade
- A E dos vícios se mostra fiel serva,
- A Porém nada no mundo se conserva:
- C Sendo a vida infindo movimento
- C É a Morte um novo nascimento,
- D A inveja é o túmulo dos vivos
- D O herói repudia esses cativos,
- C Galopando o Cavalo Pensamento.

O galope à beira mar é composto de estrofes com 10 versos de 11 sílabas poéticas e

⁹ Cordel de José Pacheco da Rocha disponível em: <https://lercordel.wordpress.com/2008/10/15/a-chegada-de-lampiao-no-inferno-jose-pacheco-da-rocha/>

¹⁰ Cordel de Antônio Ugolino Nunes da Costa, disponível em: <http://mariobento.blogspot.com/2019/12/as-obras-da-natureza.html>

segue o mesmo esquema de rimas das décimas **ABBAACCDDC**, no entanto, seu verso final deve terminar com a palavra mar conforme no trecho a seguir:

Exemplo 5 – Galope a beira mar¹¹

- A Cantor das coivaras queimando o horizonte,
- B Das brancas raízes expostas à lua,
- B Da pedra alvejada, da laje tão nua
- A Guardando o silêncio da noite no monte.
- A Cantor do lamento da água da fonte
- C Que desce ao açude e lá fica a teimar
- C Com o sol e com o vento, até se finar
- D No último adejo da asa sedenta,
- D Que busca salvar-se da morte e inventa
- C Cantigas de adeuses na beira do mar

Outro aspecto interessante é que o cordel desde sempre vem dialogando com a modernidade, a luta dos cordelistas em manter viva essa tradição é constante. Hoje, com o avanço das redes sociais, muitos poetas têm utilizado essa ferramenta para divulgação dos seus trabalhos, como Bráulio Bessa e Izabel Nascimento, entre outros.

Além disso, uma das ferramentas de comunicação de maior sucesso na atualidade é o TED – *Tecnologia, Entretenimento e Design* – um modelo de palestras curtas que tem o propósito de compartilhar boas ideias e pensamentos para inspirar e transformar a vida de muitas pessoas ao redor do mundo e, por isso, também chegou até ao cordel, como o TED *Educando em Cordel*¹² de Edgar Diniz.

Marinho e Pinheiro (2012) destacam a pertinência dos folhetos de cordéis no espaço escolar, pois podem contribuir bastante para a formação do leitor crítico, já que os poetas têm total liberdade para abordar quaisquer temas. Não se aprende a gostar de cordel decorando rimas e métricas, os leitores são tocados primeiro pela fantasia, criatividade e humor. Trabalhar com o cordel é apresentar a história do povo brasileiro, ressaltando o Nordeste, principalmente os que estão à margem da sociedade.

¹¹ Cordel de Luciano Maia disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Galope_%C3%A0_beira-mar

¹² TED de Edgar Diniz disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ZYDbHvELX4>

1.4.1 Reescrita dos contos de fadas na literatura popular

Atualmente, muitos textos literários são parafraseados, parodiados, estilizados entre outras modalidades de reescrita. A proposta de intervenção dessa dissertação visa à reescrita dos contos de fadas em cordel a partir do trabalho com a estilização. De acordo com Sant'Anna (2003), a estilização trata-se de um desvio tolerável do texto de origem, ou seja, podem ocorrer algumas alterações que não afetam o sentido original do texto fonte; diferentemente da paródia, em que ocorre a mudança total de sentido do texto fonte.

Nessa perspectiva, para a dissertação foram criadas duas estilizações, uma a partir de *O Patinho Feio* de Hans Christian Andersen e outra tendo como texto fonte *João e o Pé de Feijão* de Joseph Jacobs Grimm; e outra reescrita com desvio tolerável *A Gata Borralheira* de Medeiros Braga a partir da narrativa com o mesmo título de Charles Perrault.

O intuito é apresentar essa intertextualidade, refletindo acerca de alguns valores e virtudes marcantes em cada conto, estimulando a reprodução escrita dos contos estilizados pelos alunos. A título de ilustração, apresentamos a imagem do audiovisual, seguido do cordel estilizado *Maria e João: um caminho para uma boa alimentação* de Manoel Neto, que faz parte do Projeto *Contos estilizados e desenvolvimento cognitivo*, mencionado no item 1.2:

Figura 8 – Audiovisual *Maria e João: um caminho para boa alimentação*



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=olwR1g3Fmww>

Exemplo 6 – *Maria e João: um caminho para boa alimentação*¹³

I

Às margens do Rio da Dona
Numa casa pobrezinha
Feita de madeira e barro
Morava uma menininha
Com seu pai e seu irmão
Cuidando da plantação
No entorno da casinha.

II

Maria, menina linda
Com seu vestido de chita
Seu lencinho na cabeça
Amarrado com uma fita
Era sempre sorridente.
Com tudo estava contente
Achava a vida bonita.

III

Joãozinho muito esperto
Queria ser um vaqueiro
Cuidar bem dos animais
Que viviam no terreiro
Carreava com o touro
Usava chapéu de couro
E brincava o dia inteiro.

¹³ Cordel disponível em http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/cordel_109/maria.pdf

IV

Eles viviam saudáveis
Comiam do que plantavam
Jaca, manga, cajarana
Tudo isso cultivavam
Batata, milho e feijão
Manga, laranja e melão
E os peixes que pescavam

VII

Joãozinho e Maria
Ouviram toda conversa
Choraram com muito medo
Daquela mulher perversa
Quando dia amanheceu
A madrasta os convenceu
A passearem na floresta.

X

Voltaram para a casinha
Seguindo a luz solar
Que brilhava nas pedrinhas
Mostrando como voltar
Ao vê-los chegando em casa
O seu pai que ali chorava
Correu para os abraçar.

XIII

Andaram dias e noites
Perdidos pela floresta
Até que, depois de um tempo
Viram através de uma fresta
Uma casinha atraente
Logo ficaram contentes
Fizeram uma grande festa.

XVI

A velhinha era uma bruxa
Que comia criancinhas
Fez dos meninos reféns
Pôs João na gaiolinha
E obrigou a Maria
Trabalhar noite a dia
À casinha do roçado.

XIX

Maria dava ao irmão
Apenas boa comida
Cenoura, milho e batata,
Verdura nova e colhida,
Ovos frescos de galinha
Nada de doce ou balinha
Que tirasse sua vida.

V

Mas o pai era viúvo
Procurou um casamento
Com uma mulher malvada
Que causou grande tormento
Maltratava as criancinhas
Trazendo para a casinha
Só terror e sofrimento.

VIII

Saíram ao tal “passeio!”
Fingindo saberem nada
Então, tiveram a ideia
De marcar toda a estrada
Jogaram por toda trilha
Uma pedrinha que brilha
Pra refazerem a caminhada.

XI

Mas a infeliz madrasta
Cheia de ódio e rancor
Convenceu àquele homem
Que, embora, sentisse amor
Sucumbiu a tal maldade
Mesmo contra sua vontade
Fez o caminho da dor.

XIV

A casinha era tão linda
Feita de doces e manjar
Coberta de chocolate
Bala e goma de mascar
Pés de lanches gordurosos
Que embora fossem gostosos
Só serviam para engordar.

XVII

A bruxa má e inclemente
Querendo se alimentar
Cozinhar o Joãozinho
E depois saborear
Porém ela só queria
Que o irmão de Maria
Pudesse logo engordar.

XX

João nunca engordava
Mas sempre estava forte
A bruxa não entendia
Pois não aumentava o porte
Querida um menino gordo
Pra colocar no forno
E provocar a sua morte.

VI

A madrasta sempre má
Chamou então o marido
E disse: não quero mais
Crianças aqui comigo
Sem elas em nosso lar
A comida vai sobrar
Não mereço esse castigo.

IX

Lá naquela mata bruta
Eles foram abandonados
O pai ali os deixou
Com o peito dilacerado
Não sabia a mulher má
Que logo iriam voltar
A casinha do roçado.

XII

Dessa vez, foi diferente
Não conseguiram marcar
Pois o pão que espalharam
Naquela trilha ao passar
Atraíram os passarinhos
Que comeram os farelinhos
Do caminho de voltar.

XV

Ao entrarem na tal casa
Viram uma doce velhinha
Que logo os recebeu
E os levou para a cozinha
Mas para a infelicidade
Era mais uma maldade
Ali naquela casinha.

XVIII

Mandou que desse a João
Muita comida pesada
Muitos doces e gorduras
Muito açúcar e marmelada
Maria que era esperta
Dava a comida certa
E João não engordava.

XXI

A bruxa não entendia
Porque ele estava magrinho.
Era bem forte e saudável
Mas não ficava gordinho
Tinha a pele bem nutrida
Os olhos cheios de vida
E o dente bem fortinho.

XXII

A Bruxa, então, quis saber
 O que é que acontecia
 Queria também essa vida:
 Comer como ele comia
 Pra ser saudável e forte
 E viver longe da morte
 Viver bem de noite a dia.

XXIII

Maria mostrou pra bruxa
 Suas receitas preferidas
 Sempre frutas do pomar
 Saladas bem coloridas
 Comer banana e mamão;
 Mais batata, menos pão
 E assim ter outra vida.

XXIV

A bruxa se convenceu
 E virou uma princesa
 Libertou as criancinhas
 Acabou toda a tristeza
 Plantavam, depois colhiam
 Cantavam, se divertiam
 Em meio à natureza.

XXV

Enquanto isso, distante
 Daquela vida encantada
 Seu pai vivia infeliz
 Nem sequer se alimentava
 Pois só se comia mal:
 Muito açúcar, muito sal
 E a madrasta só engordava

XXVI

De alimentar-se mal
 A madrasta explodiu
 O pai arrumou as malas
 E pra floresta partiu
 E em meio à natureza
 Teve uma grata surpresa
 Quando os filhos descobriu.

XXVII

Conheceu logo a princesa
 Que ficou muito contente
 Viu que suas criancinhas
 Festejavam sorridentes
 Casaram-se em seguida
 Vivendo uma nova vida
 E feliz e para sempre.

Este cordel escrito em septilha – estrofe de 7 versos de sete sílabas poéticas, possui a estrutura **XAXABBA** sendo que as rimas acontecem no 2º, 4º e 7º versos, apresentando um segundo conjunto de rimas no 5º e 6º versos, já no 1º e 3º versos não há rimas.

O exemplo mencionado é um cordel estilizado a partir do conto de fada *Maria e João*, versão dos irmãos Grimm, criada no século XIX, pois ele mantém a ideia original da história, onde duas crianças são maltratadas pela madrasta e, por isso, fogem de casa, se perdem no caminho e encontram uma casa cheia de doces e ficam encantadas. Lá, são vítimas de uma bruxa que deseja comer as criancinhas, mas, no final da história, elas criam um plano e conseguem se livrar dela e são felizes para sempre.

No entanto, no cordel estilizado, a narrativa apresenta um desvio tolerável do texto original, já que o objetivo é incentivar a alimentação saudável dos estudantes, a partir de um texto envolvente e criativo. Isso mostra que qualquer tema pode ser trabalhado na estilização, no caso dessa dissertação, foi trabalhada a estilização de contos de fadas em cordel, enfatizando os valores humanos.

2 ESTILIZAÇÃO DOS CONTOS EM CORDEL

Nessa Seção, apresentamos a escola onde poderá ser aplicada a proposta de intervenção pedagógica futuramente¹⁴, além do perfil dos alunos e dos materiais. Paralelamente, trazemos as etapas da proposta de intervenção.

2.1 CONTEXTUALIZANDO O ESPAÇO

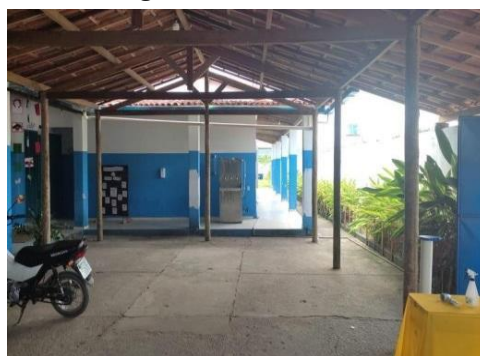
A Escola Municipal Professora Marlene Santos está localizada na Fazenda Muquiba, zona rural do município de São Miguel das Matas – BA. Nesse espaço funcionam a educação infantil e o ensino fundamental I e II nos turnos matutino e vespertino. A título de ilustração, seguem algumas imagens da referida escola:

Figura 9 – Frente da escola



Fonte: Arquivo da autora

Figura 10 – Pátio da escola



Fonte: Arquivo da autora

Figura 11 – Área externa da escola



Fonte: Arquivo da autora

Figura 12 – Sala de aula



Fonte: Arquivo da autora

¹⁴ A proposta não foi aplicada devido à Resolução (Nº 003/2020) por causa da crise sanitária causada pela Covid 19. Nesse cenário, optamos por elaborar um produto que abrange 2 cordéis estilizados (APÊNDICE B e ANEXO H) produzidos especificamente para a dissertação e a proposta de intervenção que poderá ser aplicada posteriormente no ensino fundamental II.

Em relação à estrutura física, a escola necessita de algumas reformas, pois não tem refeitório, nem biblioteca, os poucos livros que a escola tem ficam guardados na sala da coordenação. As salas de aulas são amplas e arejadas. O espaço escolar está dividido em 9 salas de aulas, cantina, secretaria, sala de direção, sala dos professores, sala da coordenação, sala multifuncional para atender crianças e adolescentes com necessidades especiais, 7 instalações sanitárias para alunos e para servidores, almoxarifado e 2 áreas externas, sendo que apenas uma é coberta. A quadra poliesportiva fica próxima ao espaço escolar.

2.2 SELEÇÃO DOS SUJEITOS

A proposta foi pensada para alunos do 8º ano do ensino, pertencentes à zona rural e de classe socioeconômica menos privilegiada; por esse motivo trabalham nas lavouras e nas casas de farinha para ajudar no sustento familiar. Muitos apresentam dificuldades na leitura, na escrita e na interpretação de textos, por isso, nem sempre obtêm resultados satisfatórios nas avaliações escolares.

2.3 ESCOLHA DO MATERIAL

Para o desenvolvimento da proposta de intervenção os materiais impressos escolhidos foram: três contos de fadas - *João e o Pé de Feijão* de Joseph Jacobs Grimm, *O Patinho Feio* de Hans Christian Andersen e *A Gata Borralheira* de Charles Perrault; além dos cordéis estilizados desses contos: *A Gata borralheira* de Medeiros Braga, *João e o Pé de Feijão* e *O Patinho Feio em cordel* de Manoel Neto.

Também selecionamos o texto *Cordel em Cordel* (2014) de Medeiros Braga; em vídeos trazemos o conto de fada *O Patinho Feio*¹⁵ de Hans Christian Andersen; e as músicas celta¹⁶, *Literatura de Cordel*¹⁷ de Francisco Diniz, *Andar com fé*¹⁸ (1982) de Gilberto Gil e a música instrumental *Amor sertanejo*¹⁹ (2018) de Eduardo Queiroz. Os cordéis estilizados devem ser levados à sala de aula em formato impresso, em vídeo ou em áudio. Escolhemos esses contos estilizados devido às reflexões acerca dos valores humanos e das virtudes de maneira criativa e envolvente, proporcionando o desenvolvimento da leitura e da escrita poética.

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KmNfGi4xzzg>

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=T2CvkoVirkQ&t=2481s>

¹⁷ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bQt1dxETW-8&ab_channel=D%C3%A9borahFarias

¹⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FCleFrxbfM>

¹⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AXwQLtJi-JY>

2.4 ETAPAS DA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Etapa I – Sensibilização em prosa

Duração: 6 aulas

Objetivo: sensibilizar os alunos com a narração e interpretação dos contos, socializando conhecimentos sobre prosa e gênero conto.

Materiais: textos impressos – *A Gata Borralheira* de Charles Perrault, *O Patinho Feio* de Hans Christian Andersen e *João e o Pé de Feijão* de Joseph Jacobs Grimm, minilivros infantis dos contos de fadas mencionados, música celta e *Andar com fé* de Gilberto Gil, *datashow*, *notebook*, quadro, piloto, cartazes com imagens dos contos mencionados.

A **Etapa I** está dividida em 3 momentos, conforme descrito a seguir:

1º momento *A Gata Borralheira* (2 aulas)

Inicialmente, a sala deve estar caracterizada com elementos dos contos de fadas, organizada em círculo e todos ouvirão a música celta que remete à fantasia, magia, aventura, fadas, princesas, príncipes, reis... Após a escuta, o/a docente deve entrar na sala de aula, vestido/a da personagem de Gata Borralheira ou do personagem príncipe (ver **ANEXO C**) e narrar o conto. Após a narração, haverá discussão sobre a escuta da música e o conto apresentado, explorando-o oralmente com as perguntas a seguir:

- 1) Vocês conhecem o tipo de música que ouviram?
- 2) O que esta música desperta em você?
- 3) É possível notar que a escuta desta música precedeu a história narrada?
- 4) Vocês conhecem essa história? Se sim, de onde conhecem a narrativa?
- 5) Vocês conhecem outros contos de fadas? Se sim, qual ficou guardado em sua memória? Por quê?

Após o diálogo, a partir das questões levantadas, deve ser distribuído o texto *A Gata Borralheira* impresso aos alunos, solicitando-os que façam a leitura silenciosa do conto. Depois, será mostrada, em *slides*, a biografia do autor e o contexto histórico da época em que foi produzido o conto. Posteriormente, haverá um diálogo envolvendo, dessa vez, questões específicas do conto. As respostas serão respondidas em equipes de 5 integrantes cada, na modalidade escrita da língua e depois compartilhadas no diálogo a seguir:

1. Vocês gostaram da história? Por quê?

2. Como vocês avaliam a atitude do pai da Gata Borralheira? E as atitudes da madrasta e de suas filhas?
3. Para vocês quais são as principais qualidades da Gata Borralheira? Por quê?
4. Na vida real, o que pode ser feito para que a personagem consiga enfrentar os desafios e ter dignidade, ou seja, seus direitos garantidos?
5. Qual a principal reflexão deste conto?

Depois da socialização das questões, os alunos escutarão a canção *Andar com fé* de Gilberto Gil e o/a docente deve pedir aos alunos que relacionem a música com a vida da Gata Borralheira e a realidade deles. Após este momento de socialização, serão apresentados o conceito e as características específicas dos textos em prosa e os elementos do texto narrativo, como enredo, tempo, narrador, personagens, espaço, dentre outros elementos.

2º Momento *O Patinho Feio* (2 aulas)

Deve ser exibido o desenho animado *O Patinho Feio*²⁰ (WALT DISNEY, 2011) e, em seguida, os alunos receberão o texto do referido conto impresso para realização da leitura compartilhada. Depois, haverá uma roda de conversa sobre a narrativa apresentada, em equipes de 5 integrantes – Grupo 1 (G1), Grupo 2 (G2), Grupo 3 (G3), Grupo 4 (G4) e Grupo 5 (G5), considerando uma turma com 25 alunos, com as respectivas questões:

1. Por que o personagem principal não é aceito por sua família?
2. Como foi o comportamento dos irmãos do Patinho Feio?
3. Como você reagiria se fosse excluído/a por quem ama?
4. Qual a importância da autoaceitação e valorização de si mesmo/a? Justifique.
5. Qual a principal reflexão desse conto?
6. Quais são os elementos do texto narrativo nesse conto? Descreva-os. Cada equipe ficará responsável por um dos elementos a seguir: Enredo – G1; Tempo – G2; Narrador – G3; Espaço – G4; e Personagens – G5. Após a escrita e discussão, em equipes, haverá o momento de socialização das respostas.

3º Momento *João e o Pé de Feijão* (2 aulas)

O/a docente deve apresentar um desafio para ser resolvido de forma criativa pelas equipes, conforme proposta a seguir:

²⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KmNfGi4xzzg>

Na comunidade da Areia Fina²¹ tem aumentado o índice de jovens consumindo bebidas alcoólicas e de drogas ilícitas, ocasionando a violência dentro e fora do colégio e, também, a evasão escolar. Nesse sentido, apresentem, em equipes, estratégias viáveis para a diminuição da violência na escola e do abandono escolar. Para essa tarefa solicitem o apoio dos pais e alguns membros da escola.

Cada equipe escolherá um representante para apresentar as propostas. Depois, a turma escolherá as melhores ideias. Após o momento de socialização, o/a docente fará a narração do conto *João e o Pé de Feijão* (ver **ANEXO A**). Posteriormente, o/a docente conceituará os valores humanos e as virtudes, com exemplos. Deve ser apresentado aos alunos o quadro (ver **APÊNDICE A**) com duas colunas preenchidas com imagens que representam do lado esquerdo os valores humanos; e ao lado direito, imagens que representam as virtudes. As equipes deverão escrever quais valores e virtudes estão representadas em cada imagem. E, logo a seguir, as equipes responderão as questões:

1. Qual a temática abordada no conto?
2. Explique as soluções que João teve para resolver o problema que enfrentava?
3. Quais os valores humanos utilizados por João para enfrentar o Gigante? Na atualidade, quais os “gigantes” que cada equipe enfrenta?
4. Qual a mensagem que o conto nos envia e quais valores humanos devem ser preservados para o enfrentamento da desigualdade socioeconômica?
5. Qual a relação entre o desafio proposto inicialmente e o conto *João e o Pé de Feijão*?
6. Quais lições desse cordel podem contribuir com propostas para a diminuição da evasão escolar e drogas na escola?

Após análise do conto, o/a educador/a retomará os três contos discutidos e solicitará aos alunos que identifiquem quais valores e virtudes aparecem, em cada conto, e eles devem ser expostos num quadro, com imagens das referidas narrativas, e, ao lado, as características solicitadas.

²¹ Localidade rural do Município de São Miguel das Matas – BA, local onde a Escola Municipal Professora Marlene Santos se situa.

Etapa II – Literatura de Cordel

Duração: 4 aulas

Objetivo: conhecer a história e as características específicas do cordel.

Materiais: texto *O cordel em cordel* (2014) de Medeiros Braga e a canção *Literatura de Cordel*²² de Francisco Diniz, *datashow*, *notebook*, quadro, piloto, varal com os cordéis: *O Patinho Feio em cordel* (2022) e *João e o Pé de Feijão* (2022), ambos do cordelista Manoel Neto; e *A Gata Borralheira* (2018) de Medeiros Braga. Além da música instrumental *Amor sertanejo*²³ (2018) de Eduardo Queiroz, vasos de barro e colcha de retalho.

As cadeiras devem estar organizadas em círculo e a sala preenchida com elementos do cordel – varal com livretos pendurados, cactos, vasos de barro e no centro da sala, uma colcha de retalhos, onde os estudantes formarão uma roda sentados. Os alunos assistirão ao vídeo da música *Literatura de Cordel* de Francisco Diniz e receberão o folheto, com a canção, para as equipes destacarem por escrito o que mais chamou atenção delas para posterior partilha.

Após o diálogo, cada aluno pegará do varal um folheto de cordel; nesse momento, eles ouvirão a música instrumental *Amor sertanejo* (2018) de Eduardo Queiroz e, depois, serão solicitados a ler os respectivos cordéis – *O Cordel em cordel* (2018) de Medeiros Braga (ver **ANEXO E**), *O Patinho Feio em cordel* (2022) e *João e o Pé de Feijão* (2022) do cordelista Manoel Neto (ver **ANEXO H e APÊNDICE B**); e *A Gata Borralheira* (2014) de Medeiros Braga (ver **ANEXO D**). Em seguida, os aprendizes serão questionados se conhecem os referidos autores e as narrativas e, paralelamente, levantarão hipóteses, que deverão ser escritas nas respectivas equipes, sobre os assuntos discutidos nos folhetos.

Etapa III – Prosa x Poesia Popular

Duração: 3 aulas

Objetivo: diferenciar prosa e poesia/cordel.

Materiais: folhetos de cordel - *O Patinho Feio em cordel* e *João e o Pé de Feijão* do cordelista Manoel Neto e *A Gata Borralheira* de Medeiros Braga, além de minilivros infantis dos contos de fadas mencionados, *datashow*, *notebook*, quadro, piloto, varal com cordéis, colcha de retalho, livro *Paródia Paráfrase e C&A* (SANT'ANNA, 2003).

²² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bQt1dxETW-8&ab_channel=D%C3%A9borahFarias

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AXwQLtJi-JY>

Inicialmente, a sala deve estar organizada com cadeiras formando um círculo e ao centro terá uma colcha de retalhos contendo os cordéis que serão utilizados. A turma será dividida em equipes de acordo com os contos que foram escolhidos na **Etapa II**; depois, será solicitada a confecção de cartazes identificando as características das narrativas em prosa e poesia/cordel para posterior socialização dos cartazes pelas equipes.

A partir das discussões, será explicado aos alunos como ocorre a estilização e a paráfrase dos contos de fadas em cordel. Após a explanação e discussão, as equipes G1, G2 e G3 deverão produzir um texto em prosa, a partir do *Patinho feio em cordel* e de *João e o Pé de Feijão*; e G4 e G5 produzirão poema, a partir do conto *A Gata Borralheira*. Depois, as produções serão compartilhadas com as características presentes em ambos os textos. Essas produções deverão ser levadas para próxima aula, na Oficina de Cordel. E, para tanto, os alunos, em equipes, serão orientados a preparar perguntas para a próxima etapa, e também outras dúvidas que surgirem no dia.

Etapa IV – Encontro com o cordelista

Duração: 4 aulas

Objetivo: estimular a leitura e escrita de cordéis, a partir da interação com o cordelista convidado.

Materiais: cordel, caderno, caneta, lápis, borracha, microfone, caixa de som, *datashow*, *rotebook*.

Nesta Etapa, os alunos conhecerão e conversarão com o cordelista²⁴ convidado na sala de aula, que fará uma apresentação do seu trabalho e, posteriormente, haverá perguntas dos alunos ao convidado e vice-versa, para iniciar a escrita poética popular, a partir das produções da **Etapa** anterior.

Etapa V – Oficina de estilização em cordel

Duração: 4 aulas

Objetivo: familiarizar-se com a estilização dos contos de fadas em cordel.

Materiais: caderno, celulares, caneta, papel ofício A4, cordéis *O Patinho Feio em cordel* e *João e o Pé de Feijão* de Manoel Neto e *A Gata Borralheira* de Medeiros Braga e minilivros infantis *O Patinho Feio* de Hans Christian Andersen, *A Gata Borralheira* de Charles Perrault e *João e o Pé de Feijão*, de Joseph Jacobs Grimm, já distribuídos nas aulas anteriores.

²⁴ O cordelista convidado, para uma aplicação da proposta de intervenção futuramente, na escola descrita em 2.1 pode ser Manoel Neto, o qual produziu os cordéis para a presente dissertação.

Na **Etapa V** será apresentado aos alunos o conceito de estilização (SANT'ANNA, 2003) – produção de um texto a partir de outro já existente, mantendo a ideia original do texto fonte, ou seja, ocorre um desvio tolerável no texto novo. Posteriormente, o cordelista realizará a oficina de cordel com os estudantes e solicitará deles a construção de um cordel a partir dos contos trabalhados na **Etapa I**. A proposta é que as equipes criem estrofes de cordel, em sextilha. O cordelista e o/a docente acompanharão as produções, fazendo as interferências necessárias e para registrar esse momento, serão tiradas algumas fotos, com a autorização prévia dos responsáveis dos estudantes.

Etapa VI – Revisão das produções poéticas estilizadas

Duração: 4 aulas

Objetivo: reescrever cordéis, em equipes, por meio da estilização dos contos de fadas

Materiais: caderno, caneta, papel ofício A4, textos produzidos pelos alunos.

Nesta Etapa, as equipes continuarão a escrita de versos, realizando revisão das produções poéticas estilizadas e a marcação em sextilha, com acompanhamento do cordelista e do/a docente. Após a conclusão dos cordéis, as equipes lerão seus versos em silêncio e farão modificações que considerarem necessárias. Posteriormente, deverão reescrever as produções numa folha de papel A4 que serão partilhadas por meio de encenações poéticas, a fim de observar o ritmo, o tom de voz e a postura dos discentes. Ao final, os cordéis serão recolhidos para serem digitados e, depois, impressos.

Etapa VII - Oficina de isogravura

Duração: 4 aulas

Objetivo: criar xilogravuras estilizadas – isogravuras

Materiais: *notebook*, *datashow*, vídeo explicativo, de Sandra Gobert²⁵, caderno, lápis, caneta, papel ofício, isopor, tinta preta, colher, tinta guache, pincel, rolo de pintura.

Aqui será feita a exposição de imagens de xilogravuras que estarão no centro do círculo, em cima da mesa. As carteiras deverão ser organizadas de forma que possibilitem a circulação dos alunos para que eles possam observar as imagens e apresentar suas percepções.

Após a exposição e conversa, serão explicados em *slides* os conceitos e exemplos de

²⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gehVfWDCHRY>

xilogravura, isogravura e infogravura. Em seguida, os alunos assistirão ao vídeo explicativo, de Sandra Gobert, referente à nota de rodapé 25, sobre como fazer isogravuras. Depois, serão realizadas as confecções de isogravura a partir dos cordéis produzidos pelos grupos de alunos.

Posteriormente, os alunos farão o compartilhamento das produções que já foram corrigidas e digitadas com as isogravuras confeccionadas, anteriormente, para a produção dos livretos de cordel que serão apresentados no TED Cordel (ver **Etapa IX**).

Etapa VIII – Criação do cenário

Duração: 4 aulas

Objetivo: organizar os materiais para a exposição final e ensaiar o recital de cordéis.

Materiais: produções desenvolvidas pelos alunos, EVA, materiais que remetem à cultura nordestina e aos contos de fadas, tolhas de TNT, linha, agulha, tesoura, papel metro branco, cartolina, cola e piloto.

Aqui os alunos montarão, em equipes, painéis com fotografias das atividades realizadas durante a proposta de intervenção, além do ensaio para a apresentação dos respectivos cordéis. Os estudantes serão auxiliados na confecção dos figurinos, que podem ser feitos com folhas de TNT ou com roupas próprias dos alunos, que lembrem as personagens dos contos de fadas trabalhados.

Etapa IX –TED – *Technology, Entertainment and Design*

Duração: 2 aulas

Objetivo: conhecer o que é o TED e como funcionam essas palestras curtas; ensaiar as equipes a partir das palestras em formato TED.

Materiais: *notebook*, *datashow* e celular.

Considerando os veículos de informações na contemporaneidade, optamos pelo TED – que utiliza a Tecnologia, o Entretenimento e o Design para transmitir mensagens relevantes. Então, o/a docente explicará aos alunos o que significa e como funcionam as palestras no formato TED; depois, exibirá o TED *O que explica a ascensão do ser humano?*²⁶, de Yuval Noah Harari. Posteriormente, será explicada a proposta do TED Cordel, em que as equipes desenvolverão, a partir das produções poéticas estilizadas, privilegiando os valores humanos e virtudes, no formato TED.

²⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nzj7Wg4DAbs>

Etapas X – Feira de Cordel em TED

Duração: 4 aulas

Objetivo: compartilhar as produções criadas pelos alunos à comunidade escolar e externa, por meio da recitação de cordéis, encenação e diálogos.

Materiais: produções desenvolvidas pelos alunos, EVA, materiais que remetem à cultura nordestina e aos contos de fadas, caixa de som, microfone, celular, papel metro branco, cartolina, cola, fita adesiva e piloto.

No primeiro momento, haverá, no pátio da escola, um ambiente atraente e informativo acerca de tudo que foi discutido e produzido nas oficinas, principalmente os cordéis criados pelos alunos. Alguns estudantes estarão caracterizados com personagens dos contos trabalhados, como *João e o Pé de Feijão*, *A Gata Borralheira* e *O Patinho Feio em cordel*, além de elementos que representem o cordel e a cultura nordestina, como chapéu, pandeiro, tambor, colchas de retalho e cactos.

Depois, as equipes apresentarão os cordéis produzidos e o cordelista também mostrará algumas de suas produções com os instrumentos: pandeiro, tambor e viola. Posteriormente, será aberto para toda a comunidade escolar que quiser ler ou declamar os textos expostos, ou outros que desejar apresentar. O/a docente fará um comentário geral sobre tudo o que foi realizado e agradecerá a equipe escolar e aos alunos pelas contribuições e participações no projeto.

3 CORDELIZAÇÕES FINAIS

Pensar em uma educação transformadora que vise à paz requer compromisso e criatividade porque tira o professor da zona de conforto. Ensinar vai muito além dos muros da escola e entender isso é fundamental para a formação de educandos críticos e ativos numa sociedade que solicita por igualdade e mais humanidade.

Montessori (2014) destaca que a paz parte, primeiro, do desenvolvimento interior da pessoa humana, pois, somente assim, cada um terá consciência da sua missão para a melhoria da sociedade, mas enfatiza o papel fundamental do professor para o estabelecimento de uma paz verdadeira e durável.

Compreendemos que a leitura é o ponto de partida para compreensão de si mesmo e do mundo, no entanto o desafio é grande pois temos um índice muito alto de discentes que cresceram em um espaço onde a prática leitora se restringe ao livro didático, já que não existe biblioteca na escola nem em locais próximos às residências deles, além disso muitos alunos não têm condições de comprar livros.

Diante dessa realidade, pensamos numa proposta de intervenção pedagógica voltada para a leitura literária de contos de fadas e de cordéis. As narrativas dos elfos, em prosa ou prosa poética, são fundamentais para refletirmos sobre a nossa existência no mundo, pois trazem discussões pertinentes de maneira leve e simples. Além disso, esse trabalho trouxe a estilização dessas histórias em cordel e, assim, pode possibilitar ao aluno uma linguagem mais divertida e envolvente.

Entendemos que o espaço escolar precisa ser acolhedor para que o aluno se sinta feliz e confiante a fim de expor seus anseios, dúvidas e, também, apresentar suas potencialidades e ampliar seus conhecimentos. É relevante destacar que trouxemos cordéis inéditos e eles foram totalmente pensados e criados para atender a realidade dos estudantes, que são moradores da zona rural e, como todos os jovens, enfrentam desafios internos e externos como a reflexão sobre si mesmo e o mundo a sua volta, além da tristeza de não ser aceito como em *O Patinho feio* (1843) de Hans Christian Andersen.

Nessa perspectiva, tais narrativas estilizadas em cordel trazem a luta constante para enfrentar desafios gigantes que impossibilitam o alcance dos objetivos de vida, como o menino que precisou vencer o Gigante em *João e o Pé de Feijão*, por exemplo. Paralelamente, em *O Patinho Feio em cordel* (NETO, 2022), observamos a necessidade urgente de aprender a se colocar no lugar do outro, utilizando a empatia, a fim de

convivermos com nossos semelhantes em harmonia e desenvolvermos, cada vez mais, o respeito às diferenças. No conto de fadas *Cinderela*, observamos no texto em cordel, que apesar da dureza da vida e das crenças limitantes, que podem muitas vezes impedir a chegada à meta projetada, há sempre uma luz no fim do túnel, quando aprendemos a desenvolver a inteligência emocional a partir do valor humano – resiliência e, assim, não desistir dos sonhos. Pois as pessoas precisam sonhar para construir um mundo melhor com educação, respeito, amor, solidariedade, empatia entre outros valores.

A escolha desses cordéis partiu do pensamento de que a escola reflete a sociedade, então não se pode pensar em um ensino que não priorize o ser humano e suas relações sociais, sendo assim, é imprescindível a formação de jovens leitores capazes de compreender a sua história e a da humanidade, pois se compreende que ensinar exige estética e ética, pois “se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substantivamente formar”. (FREIRE, 1996, p. 19).

No que se refere à avaliação, entendemos que deve ser processual e contínua, o educador irá analisar não só o produto final, que é a produção dos cordéis, mas a participação, o comprometimento, a capacidade de interagir em grupo, as relações interpessoais e o empenho dos discentes ao longo do trabalho.

Diante do exposto, concluímos essa proposta com um trecho do Cordel de Medeiros Braga sobre o educador e filósofo Paulo Freire (2018), patrono da Educação Brasileira, que diz:

Um guerreiro, eis de luta,
Que trocou fuzil, canhão,
Pelo método pedagógico,
No disparo da lição.
No confronto com os nobres
De saber armou os pobres,
Fez uma revolução.

Sobre a força do saber
Seu poder transformador,
Os exemplos de mudança
Processados, a rigor,
Na cautela que tratava
Ele se manifestava
Como grande pensador.

Na visão de Paulo Freire
Era uma insensatez
Esperar que a educação
Sob o domínio burguês
Mostrasse para o rival
A injustiça social
Com sua desfaçatez.

Quando o mundo for unido
Na busca pelo saber,
E não mais pela indecência
Do dinheiro e do poder,
Somente, então, de verdade
Virá a sociedade
Com consistência a crescer.

[...]

[...]

E, por acreditar que Paulo Freire deixou seus ensinamentos para todos nós professores e professoras, os/as convidamos a aplicar esta proposta em suas turmas do ensino fundamental II com o intuito de compartilhar saberes e ampliar os seus conhecimentos e dos/as discentes. E, assim, contribuir para uma cultura de paz e igualdade para todos.



Fonte: <https://vectorportal.com/pt/vector/pomba-branca-em-v%C3%B4o.ai/19952>

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Nordestino: uma invenção do falo** – uma história do gênero masculino. 2 ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

ALMEIDA, Valmira dos Santos; REIS, Josenilton Andrade. A Fera encantada e a Bela determinada. In: **Das narrativas clássicas ao cordel: valores humanos em jogo. Revista Pandora Brasil**. Organização Priscila Peixinho Fiorindo e Elton Magalhães. ISSN 2175-3318 nº 115, setembro de 2022. Disponível em:
http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/das_narrativas_classicas_ao_cordel/fera.pdf

ARISTÓTELES. **Ethica Nicomachea**. (I. Bywater, ed.). Oxford: Oxford Classical Texts, 1942.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis**. São Paulo: Pólen, 2017.

ATHAÍDE, João Martins do. **O Bataclan moderno**. Juazeiro do Norte: Editor José Bernardo da Silva, 1953.

BASEIO, Maria Auxiliadora Fontana. Mitos e lendas. In: GREGORIN, José Nicolau Filho (org). **Literatura Infantil em Gênero**. São Paulo: Mundo Mirim, 2012.

BASTOS, Gabriele Miranda. **A importância dos contos de fadas na educação infantil**. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

BRAGA, Medeiros. **O cordel em cordel: histórias e regras do cordel**. Disponível em:
<http://cordeldesaia.blogspot.com/2014/02/o-cordel-em-cordel-de-medeiros-braga.html>.
Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

BRAGA, Medeiros. **A Gata Borralheira: um clássico alemão dos irmãos Grimm nos acordes do cordel**. 2018.

BRAGA, Medeiros. **Paulo Freire na versão agradável do cordel**. Cordel nº 155, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CÂNDIDO, Antônio. **Formação da literatura brasileira**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2011, p. 171-193.

CAVIGNAC, Julie Antoinette. **A literatura de cordel no nordeste do Brasil: da história escrita à narrativa oral**. Tradução: Nelson Patriota. Natal/RN: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2006.

CHALITA, Gabriel. **Pedagogia do amor: a contribuição das histórias universais para formação de valores das novas gerações**. 28.ed. São Paulo: Gente, 2003.

CERQUEIRA, Tânia. João e o Pé de Feijão: cultivando a nutrição. In **Cordelizando a nutrição: arte e consciência alimentar. Revista Pandora Brasil**. Organização Priscila Peixinho Fiorindo e Elton Magalhães. ISSN 2175-3318. ed. nº 109 novembro de 2020. Disponível em http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/cordel_109/joao.pdf Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

CHESTERTON, Gilbert Keith. **Ortodoxia**. Tradução Francisco Nunes. Jandira, São Paulo: Principis, 2019.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. São Paulo: Ática, 1987.

COLASANTI, Marina. **Entre a espada e a rosa**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1992.

FEITOSA, Inácia Hosana; GAUDÊNCIO, Edmundo de Oliveira. **O reino dos contos de fadas e o reino dos valores: uma visão logoterápica**. Revista Logos & Existência. n 3(2), p. 154-169, 2014.

FIORINDO, Priscila Peixinho. **Ler e escrever...** Jornal A tarde. n. A, p.7, 13 de julho de 2015.

FIORINDO, Priscila Peixinho. **Abordagens do texto literário para a formação do leitor crítico**. Revista Língua Portuguesa: conhecimento prático. n. 36, p. 28-33, maio 2012.

FLORES, Juliana Duarte. **Perspectivas infantis sobre os contos de fadas: construindo significados**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. Tradução Carlos Aveline. Petrópolis: Vozes, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1989.

FUNARO, Vânia Martins Bueno de Oliveira et al. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP ABNT/ Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica** 4. ed. São Paulo: Aguiar, 2020. Disponível em: <https://www.livrosabertos.sibi.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/459/413/2006> Acesso em: 30 de março de 2021.

HAURÉLIO, Marco. **Literatura de cordel: do sertão à sala de aula**. São Paulo: Paulus, 2013.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Taxa de analfabetismo em 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18317-educacao.html>. Acesso em: 30 de maio de 2021.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2002.

LA TAILLE, Yves de. **Para um estudo psicológico das virtudes morais**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/mHthMzjLRj5BdLDVqzYwQsc/?lang=pt>. Acesso em: 10 de maio de 2022.

MACHADO, Ana Maria. **História meio ao contrário**. 7. ed. São Paulo: Ática, 1986.

MARINHO, Ana Cristina; PINHEIRO, Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**: São Paulo: Cortez, 2012.

MARTINELLI, Marilu. **Aulas de transformação: o programa de educação em valores humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1996.

MICHELLI, Regina. Contos fantásticos e maravilhosos. In: GREGORIN, José Nicolau Filho (org). **Literatura Infantil em Gênero**. São Paulo: Mundo Mirim, 2012.

MONTESSORI, Maria. **A educação e a paz**. Tradução Sonia Maria Alvarenga Braga. Campinas, SP: Papirus, 2014.

NETO, Manoel da Lapa Fonsêca da Silva. O Patinho Feio em Cordel. In: **Das narrativas clássicas ao cordel: valores humanos e jogo**. **Revista Pandora Brasil**. Organização Priscila Peixinho Fiorindo e Elton Magalhães. ISSN 2175-3318 nº 115, setembro de 2022. Disponível em:
http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/das_narrativas_classicas_ao_cordel/patinho.pdf Acesso em 15 de outubro 2022.

NETO, Manoel da Lapa Fonsêca da Silva. Maria e João: um caminho para boa alimentação. In **Cordelizando a nutrição: arte e consciência alimentar**. **Revista Pandora Brasil**. Organização Priscila Peixinho Fiorindo e Elton Magalhães. ISSN 2175-3318. nº 109 novembro de 2020. Disponível em:
http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/das_narrativas_classicas_ao_cordel/patinho.pdf Acesso em 15 de outubro 2022.

ORTHOFF, Sylvia. **Uxa, ora fada ora bruxa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

PALO, Maria José; OLIVEIRA, Maria Rosa D. **Literatura infantil: Voz de criança**. São Paulo: Ática, 2006.

PEDRO, Ana Paula. **Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum**. 2014. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/kr/a/zMJGSvfJCfxBQwQRCyHnjgt/?lang=pt>. Acesso em: 15 de janeiro de 2022.

ROSA, Sonia. **Entre textos e afetos: formando leitores dentro e fora da escola**. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

SANT'ANNA Affonso Romano de. **Paródia, paráfrase e Cia**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

SCHNEIDER; Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. **Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea**. Disponível em:
<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v15n2/v15n2a09.pdf>. Acesso em: 13 de janeiro de 2021.

SILVA, Sandro Luiz da. **A ética das virtudes de Aristóteles**. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2008.

SILVA, Lindomar Coutinho da; NETA, Nair Floresta Andrade. **Leitura e saúde emocional**. 2005. Disponível em: <http://www.uesc.br/cursos/graduacao/licenciatura/letras/nair3.pdf>. Acesso em: 30 de junho de 2021.

VON FRANZ, Marie-Louise. **A interpretação nos contos de fada**. São Paulo: Paulus, 1990.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola**. *Revista Via Atlântica*. n. 14 de Dezembro de 2008, p. 11-22.

APÊNDICE A – ATIVIDADES SOBRE VALORES HUMANOS

VALORES HUMANOS	VIRTUDES
BELEZA  Fonte: https://pxhere.com/pt/photo/1593224	JUSTIÇA  Fonte: https://pixabay.com/pt/illustrations/escalas-justi%C3%A7a-lei-316888/
FÉ  Fonte: https://pixabay.com/pt/photos/ros%C3%A1rio-f%C3%A9-rezar-m%C3%A3os-postas-1211064/	EMPATIA, ALTRUIÍSMO, BENEVOLÊNCIA, HONESTIDADE, SOLIDARIEDADE  Fonte: https://g1.globo.com/ba/bahia/irma-dulce/noticia/2019/09/26/em-frases-conheca-as-licoas-da-futura-santa-dulce-dos-pobres.ghtml
LIBERDADE  Fonte: https://pxhere.com/pt/photo/1454995	PRUDÊNCIA  Fonte: Arquivo da autora Fonte: https://paraibamaster.com.br/2021/04/08/cabedelo-segue-vacinando-pessoas-a-partir-de-60-anos/

	“Todas as virtudes são valores humanos, mas nem todo valor humano é uma virtude”	
	VALORES HUMANOS	VIRTUDES
A Gata Borralheira 		
O Patinho Feio 		
João e o Pé de Feijão 		

APÊNDICE B – CORDEL JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO DE MANOEL NETO

I

Era uma vez um menino
Com um grande coração
Que morava com a mãe
Não tinha pai nem irmão
"Um pingo de água benta
Correu da testa pra venta"
Batizando-o por João

II

Nas terras de São Miguel
Das Matas, este é o lugar
Se é tão lindo de ver
Melhor ainda é morar
Ali que morou João
Por isso, preste atenção
No que agora vou contar.

III

Morando lá na casinha
Bem distante da cidade
Lhe sobrava esperança
Em meio à dificuldade
Faltava carne e feijão
Açúcar, farinha e pão
Sobrava necessidade.

IV

Certo dia, sua mãe
Já não tendo o que comer
Pegou a única vaquinha
E mandou João vender
Para comprar o alimento
E garantir o sustento
Em meio a tanto sofrer

V

Com um pouco de tristeza
Pela venda da vaquinha
João seguiu o seu rumo
Obedecendo a mãezinha
Deu de cara com um ancião
Que lhe perguntou, então
Qual o preço da bichinha?

VI

Antes que lhe respondesse
Disse o homem pra João
Troco por estas sementes
Que carrego em minha mão
Te garanto em meu nome
Que jamais passará fome
Se levar esse feijão

VII

João cheio de esperança
Com sua mente curiosa
Aceitou a tal barganha
Que achou hospitiosa
E voltou para a casinha
Quando falou pra mãezinha
Ela ficou furiosa

VIII

Arrebatou as sementes
E atirou pela janela
E João ficou tão triste
Que, sequer, olhou pra ela
Mas para a sua surpresa
Viu em meio à natureza
Uma planta muito bela

IX

João ainda encantado
Em meio àquela surpresa
Foi subindo lentamente
Apreciando a boniteza
Logo encontrou um castelo
Majestoso, grande e belo
Jamais viu tanta beleza

X

Foi aí que no castelo
Uma grande porta abriu
E uma mulher gigante
Em sua frente surgiu
E João já assustado
Muito nervoso, coitado!
Quase que de lá caiu

XI

Mas a tal mulher gigante
Segurou o pobre João
E disse: daqui pra frente
Te terei em minhas mão
Por isso vou bem ligeiro
Te guardar num cativoiro
Jamais voltarás ao chão

XII

Pois aqui mora um gigante
E ele não pode vê-lo
Te guardarei como visita
Te livro de um pesadelo
Pois se ele te encontrar
Com certeza, vai pegar
Pra depois, então, prendê-lo.

XIII

Então, gigante acordou
E em voz alta foi "berrando"
Ouvi barulho de criança!
Onde está? Vá me mostrando
Joãozinho muito esperto
Vendo o tal, ali bem perto
Bem quietinho foi ficando

XIV

A mulher falou depressa
Sente aqui, venha almoçar!
Criança neste castelo
Nunca vi, sequer, passar
O cheiro que está sentindo
É do almoço saindo
Pro Senhor se alimentar.

XV

Depois de ter se fartado
Ele sentou na cadeira
Ordenou para a galinha
Que era prisioneira
Traga um ovo de ouro
Pr'aumentar o meu tesouro
Não estou de brincadeira

XVI

Virando-se para a harpa
Que tocava noite e dia
Disse: exijo aqui e agora
Uma linda melodia
E no sono ele caiu
João que a tudo viu
Quis fugir da agonia

XVII

Como era um bom menino
E de grande coração
Disse à harpa e à galinha
Que estavam em sua mão
Não vou me livrar sozinho
Por aqui é o caminho
Saíamos dessa aflição

XVIII

Em meio à tanta euforia
A ave cacarejou
E a harpa de alegria

A melodia tocou
E, então, naquele instante
Acordaram o gigante
Que logo se levantou

XIX

Mas João que era astuto
Persistente e bem arreiro
Com a harpa e a galinha
Disparou do nevoeiro
Desceu do pé de feijão
Antes de chegar ao chão
Disse: mãe, corre ligeiro.

XX

Traz pra mim esse machado
Senão, nós vamos morrer
Tem um gigante lá em cima
Que tá querendo descer
E a mãe super atenta
Trouxe, então, a ferramenta
Para o filho socorrer.

XXI

E João muito apressado
Cortou o pé de feijão
O gigante e seu castelo
Espatifaram no chão
Findando todo o horror
Angústia, medo e pavor
Restando só gratidão

XXII

Com o gigante abatido
João herdou o tesouro
Uma harpa que tocava
E eles cantavam em couro
Ele e sua mãezinha
Também herdaram a galinha
Que dava ovos de ouro

XXIII

Findando toda miséria
Mudaram a realidade
Da vaquinha do passado
Restou apenas saudade
Agora vivia contente
Celebrando eternamente
Num lar de felicidade.

Silva, Manoel da Lapa Fonseca da. *Cordel João e o Pé de Feijão*. 2022²⁷.

²⁷ Esse texto foi feito especificamente para a proposta de intervenção da presente dissertação.

ANEXO A – JOÃO E O PÉ DE FEIJÃO DE JOSEPH JACOBS GRIMM



Era uma vez um menino chamado João que vivia com sua mãe, uma pobre viúva, numa cabana bem longe da cidade. João foi para a cidade e, no caminho, encontrou um homem que o convenceu a trocar a vaquinha por sementes de feijão. O homem disse:

– Com essas sementes de feijão jamais passará fome.

João acreditou e trouxe as sementes para casa. Quando a mãe de João viu as sementes, ficou furiosa, jogou tudo pela janela. Na manhã seguinte, João levantou com muita fome. Foi até o quintal e ficou espantado quando viu uma enorme árvore que ia até o céu. Nem chamou sua mãe, decidiu subir pelo pé de feijão até chegar à copa. João ficou maravilhado ao encontrar um castelo nas nuvens e quis vê-lo de perto. De repente, uma mulher enorme surgiu de dentro do castelo e o agarrou:

– O que faz aqui, menino? Será meu escravo, mas o gigante não pode saber, por isso vou escondê-lo. Se ele vir você com certeza vai comê-lo.

O gigante chegou fazendo muito barulho. A mulher havia escondido João num armário. O gigante rugiu:

– Sinto cheiro de criança!

E farejou em todos os cantos à procura de uma criança que estivesse escondida ali. A mulher adiantou-se e respondeu para o gigante:

– Este cheiro é da comida com que irei servi-lo. Sente-se à mesa, meu senhor.

O gigante comeu o saboroso alimento, depois ordenou a uma galinha prisioneira que pusesse um ovo de ouro, e a uma harpa que tocasse uma bela melodia, então, o gigante adormeceu em poucos minutos. Vendo que a mulher havia se esquecido dele, João saiu do armário e, rapidamente, libertou a galinha e também a harpa, mas a galinha cacarejou e a harpa fez um som estridente, por isso, o gigante despertou. Com a galinha debaixo do braço e a harpa na outra mão, João correu e o gigante foi atrás dele. João chegou primeiro ao pé de feijão e deslizou pelos ramos. Quando estava quase chegando ao chão, gritou para a sua mãe, que o esperava:

– Mamãe, vai buscar um machado, tem um gigante atrás de mim!

Com o machado, João cortou o tronco, que caiu com um estrondo. Foi o fim do gigante e todas as manhãs, a galinha põe ovos de ouro e a harpa toca para João e sua mãe, que viveram felizes para sempre e nunca mais sentiram fome.

Disponível em:

<file:///C:/Users/Usuario/Downloads/JO%C3%83O%20E%20O%20P%C3%89%20DE%20FEIJ%C3%83O.pdf>

ANEXO B – O PATINHO FEIO DE HANS CHRISTIAN ANDERSEN GRIMM



A mamãe pata havia feito um ninho no meio da folhagem, perto do velho castelo. Finalmente, após longa espera, os ovos se abriram, um após o outro, e surgiram patinhos amarelos. Porém, de um dos ovos, em vez de um patinho amarelinho, saiu uma ave cinzenta e desajeitada. Nem parecia um patinho. Para ter certeza de que ele era um patinho, a pata o levou ao rio com os outros. Quando o viu nadar com naturalidade, suspirou aliviada. Era só um patinho muito feio.

Depois, levou os filhotes para o pátio do castelo. Todos parabenizaram a pata: a sua ninhada era realmente bonita... Exceto um: o patinho das penas cinzentas. – É grande e sem graça! – falou o peru. – Tem um ar abobalhado – comentaram as galinhas. Nos dias seguintes, as coisas pioraram, todos os bichos, inclusive os irmãos, perseguiam o patinho feio. O patinho crescia só e desprezado. As galinhas o bicavam a todo instante e os perus o perseguiam com ar ameaçador. Um dia, desesperado, o patinho feio fugiu, queria estar longe de todos que o perseguiam. Caminhou, caminhou... Ao entardecer, chegou a uma cabana. Como a porta estava entreaberta, ele conseguiu entrar sem ser notado. Tremendo de frio, encolheu-se num canto e dormiu. Na cabana, moravam uma velha, um gato e uma galinha. Na manhã seguinte, a velhinha viu o patinho dormindo no canto, ficou toda contente e pensou:

– Talvez seja uma patinha... Se for, cedo ou tarde botará ovos e, com eles, eu poderei preparar cremes, pudins e tortas. Mas o tempo passava e nenhum ovo aparecia. A velha começou a perder a paciência. Além disso, a galinha e o gato tornaram-se tão agressivos, que o patinho preferiu deixar a segurança da cabana e fugir mais uma vez. Caminhou, caminhou, até que encontrou um lugar sossegado perto de uma lagoa e ali parou. Enquanto durou o verão, as coisas não foram muito mal. O patinho passava parte do seu tempo dentro da água e lá mesmo encontrava alimento suficiente. Mas logo chegou o outono. As folhas começaram a cair, o céu cobriu-se de nuvens ameaçadoras, o vento tornava-se cada vez mais gelado.

Certa tarde, o patinho viu surgir entre os arbustos um bando de lindas aves. Tinham as penas alvas, as asas grandes e um longo pescoço, delicado e sinuoso: eram cisnes vindos de regiões quentes. Pouco tempo depois, os cisnes lançaram estranhos sons e levantaram voo. O patinho ficou encantado com aquela revoada e, quando os viu desaparecer no horizonte, sentiu uma grande tristeza, como se tivesse perdido amigos muito queridos. Não conseguia tirar do pensamento aquelas maravilhosas criaturas, graciosas e elegantes, e se sentiu mais feio, mais sozinho e mais infeliz do que nunca.

Naquele ano, o inverno chegou cedo e foi muito rígido. O patinho feio precisava nadar sem parar para não deixar a água congelar-se em volta dele e transformar-se numa armadilha mortal. Mas era uma luta contínua e sem esperança. Um dia, exausto, ficou com as patas presas no gelo.

Na manhã seguinte, bem cedo, um camponês, passando por aqueles lados, viu o pobre patinho já meio morto de frio. Usando um pedaço de madeira, o camponês quebrou o gelo, libertou o pobrezinho e o levou para casa. Lá, o patinho foi alimentado e aquecido, recuperando, assim, um pouco de suas forças. Logo que o patinho deu sinal de vida, os filhos do camponês quiseram brincar com ele, jogando-o para cima e apertando-o com força. Os meninos não estavam com más intenções, mas o patinho, acostumado a ser maltratado, atormentado e ofendido, assustou-se e fugiu.

Nos meses seguintes, o patinho viveu num lago, procurando abrigo do gelo, mas, finalmente, a primavera chegou. Um dia, o patinho sentiu um inexplicável desejo de voar. Abriu as asas, que agora eram grandes, e pairou no ar. Voou longamente, até que avistou um imenso jardim, no qual havia um lago com três aves brancas. O patinho reconheceu as lindas aves, eram os cisnes. Com um leve toque das asas, pousou no lago. Ao pousar, viu a própria imagem refletida na água. Percebeu que não era mais a cinzenta criatura. Agora, tinha penas brancas, grandes asas e um pescoço longo e sinuoso. Ele era um cisne! Um cisne como as aves que tanto admirava. – Bem-vindo entre nós! Disseram-lhe os três cisnes.

Aquele que, num tempo distante, havia sido um patinho feio, humilhado, desprezado e atormentado, sentia-se agora tão feliz que se perguntava se não era um sonho! Mas não! Não estava sonhando. Era verdade! Nadava em companhia de outros cisnes e com o coração cheio de felicidade. Mais tarde, chegaram ao jardim três meninos. O menorzinho disse surpreso: – Há um cisne novo no lago! Ele é o mais belo de todos! É mesmo o mais lindo deles — disse outro menino. E, desde aquele dia, o cisne viveu feliz para sempre na companhia de seus novos amigos.

Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/o%20patinho%20feio.pdf>

ANEXO C – A GATA BORRALHEIRA DE CHARLES PERRAULT



Cinderela era uma moça muito linda que vivia em um Reino. Mas ela morava com sua Madrasta e duas irmãs mais velhas e elas eram mulheres muito bravas e más que faziam Cinderela de trabalhadora e empregada doméstica.

– Cinderela, já lavou e passou as roupas?

– Cinderela onde está a janta? Preste atenção no seu serviço!!!!

Gritavam e mandavam as irmãs e a madrasta. Cinderela sofria muito com a maldade das irmãs e a madrasta. Era muito descaso que elas a tratavam. E Cinderela ficava muito triste com tudo isso.

Até que um dia Cinderela recebe um convite do Reino que o Príncipe iria dar um baile e escolher a sua noiva. O príncipe gostaria da presença de todas as donzelas do reino. Então a Madrasta pensou...

– Seria uma grande oportunidade para minhas filhas!

Começaram os preparativos para o Baile e Cinderela ajudou a preparar a Madrasta e as irmãs maldosas. Após elas estarem arrumadas, Cinderela voltou para o trabalho doméstico. Cinderela ainda tinha esperança de poder ir ao baile do reino. Mas Cinderela não tinha vestido, não tinha sapato e não tinha dinheiro. Assim não tinha como ir ao Baile do Reino.

Foi quando apareceu a fada madrinha e salvou a Cinderela.

– Nossa Cinderela... você precisa de um vestido novo!

– Cinderela com o meu encanto, você poderá ir ao Baile e impressionar o Príncipe. Você terá um vestido, um sapato de cristal e uma carruagem para levá-la.

Cinderela ficou muito feliz com a ajuda da Fada. Mas a Fada Madrinha disse:

– Lembre-se, este encanto irá durar até a meia-noite! Depois deste horário tudo voltará a ser como antes.

Enquanto isso no baile...A Madrasta apresenta sua filha para o príncipe e fala para eles dançarem. O príncipe muito educado disse:

– Depois iremos dançar. Aproveitem o baile! Tchau!!!!O príncipe saiu correndo!

Cinderela chega ao Baile do Reino e o príncipe fica apaixonado por ela. Ele a convida para a dança. Cinderela surpreende a sua Madrasta e as irmãs. Mas quase chegando à meia noite, Cinderela lembrou o que disse a fada Madrinha:

– À meia noite tudo voltará a ser como antes!

Cinderela saiu correndo do Baile e na correria acabou perdendo o sapatinho de cristal. O príncipe apaixonado ficou sem saber o que aconteceu e foi atrás de Cinderela que já havia partido na carruagem.

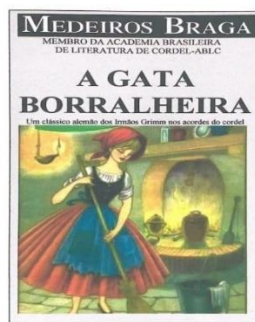
O príncipe achou o sapato de cristal da Cinderela e saiu desesperado para encontrá-la. Ele começou a experimentar o sapato de Cristal em todas as Donzelas do reino com a esperança de achar Cinderela. Até que chega à casa de Cinderela.

Cinderela experimenta o sapatinho e a surpresa...

– Serviu, Alteza, esta é a Cinderela. Disse o empregado do Reino. Cinderela casou com o príncipe e eles viveram felizes para sempre!

Disponível em: <file:///C:/Users/Usuario/Downloads/livro.pdf>

ANEXO D – CORDEL A GATA BORRALHEIRA DE MEDEIROS BRAGA



I

Quando o inverno chegou
A neve fria e gelada
Cobriu um manto branco
Aquele última morada,
Até a Cruz de madeira
Ficou de neve tomada.

II

Com o sol da primavera
Toda neve derreteu,
Seu pai achou de casar
Tirando o sossego seu
Porque era muito má
Foi o que lhe pareceu

III

Era má e tinha mais
Duas filhas horrorosas
Pareciam com a mãe
Por suas ações maldosas,
Elas além de cruéis
Eram muito ambiciosas.

IV

A pobre órfã de mãe
Logo ao se cruzar com elas,
Percebeu que não podia
Ver coisas boas daquelas,
Foi o que se comprovou
Logo ao poder ouvir delas:

V

O que você faz aqui,
Moleca, junto da gente?
Vá depressa pra cozinha
Tomar conta do batente,
Porque lá é o lugar
Onde vai viver somente.

VI

Têm razão, queridas filhas,
Ela é a nossa empregada
Terá que ganhar o pão
Pelo suor da jornada
Aqui não vai ter moleza
A pegar da madrugada.

VII

Se não quiser pode logo
Ir pegando seu caminho,
Mas, se ficar obedeça
E faça tudo certinho,
Arrume a casa e cozinha
E deixe tudo limpinho.

VIII

Tiraram seus vestidos
Deram velho e rasgado,
Os seus calçados trocaram
Por um tamanco estragado
“Agora vá pra cozinha
Deixe tudo bem lavado”.

IX

E a partir desse dia
Passou ela a trabalhar
Arduamente, na casa
Sem folga pra descansar,
A partir da madrugada
Até a noite chegar.

X

Pela manhã começava
Por acender a lareira,
Buscava água no poço,
Bem debaixo da ladeira
Pra lavar prato e roupa,
Pra encher a banheira.

XI

A pobre da criancinha
No seu pesado trabalho
Ficou até conhecida
Naquele sujo agasalho
Como Gata Borralheira
Pelo borralho do malho.

XII

A menina que era rica
Passou a ser empregada
Limpava bem a cozinha,
Deixava a roupa lavada,
As vezes tinha tarefa
Com a roupa costurada.

XIII

Pegava sempre no sono
Junto às cinzas e sujeira,
Com o seu rosto coberto
De borralhos da lareira,
E por isso elas tratavam
Como Gata Borralheira.

XIV

Indo um dia o pai a rua
Perguntou as enteadas,
Com que vocês gostariam
De ser, pois, presenteadas?
Disse uma com vestido,
A outra: Joias prendadas.

XV

Minha Gata Borralheira,
O que quer, o que lhe encanta?...
Respondeu ela, eu queria
Um ramo verde de planta
Pra plantar perto da cova
Da minha mãe, minha santa.

XVI

O pai ali na cidade
Comprou de tudo, evidente,
Para a filha, já na volta
Ele viu em frente
um galho duma oliveira
E cortou para presente.

XVII

Ao receber ela o galho
De contente até chorou,
Foi para o túmulo da mãe
E lá no chão enterrou

E com muita fé em Deus
Para a santa mãe orou.

XVIII

Seu amor era tão grande
Que todo dia cedinho
Uma lágrima derramava
E regava direitinho
Fazendo a árvore crescer
Tão bela em seu caminho.

XIX

A menina visitava
O seu túmulo todo dia,
E vez por outra, de súbito,
Uma pomba aparecia
Para Gata Borralheira
Que nos seus versos dizia:

XX

Não chores mais, minha filha,
Porque a partir de agora
Cumprirei os teus desejos,
Vou clarear tua aurora,
Terá só de hoje em diante
Na tua vida melhora

XXI

Nisso é anunciada
A grande festa do rei
Jovens foram convidadas
Para que, conforme a lei,
Escolhesse o príncipe uma
Para fazer parte da grei.

XXII

As enteadas disseram
Para a Gata Borralheira,
Penteia-nos logo e nos veste
Cuidadosa e bem ligeira
Que vai o príncipe escolher
Sua eterna companheira.

XXIII

Serão três dias de festa
De esplendor e beleza,
Assim no terceiro dia
Nós veremos com certeza
Uma de nós sendo eleita
Para ser sua princesa.

XXIV

Vai escolher de nós duas
Quem será dele a esposa,

Por isso devemos pôr
Boa aparência na lousa
De bonita como a lua,
Sabida como a raposa.

XXV

Fez a Gata Borralheira
Como foi tudo mandado,
Depois pediu a madrastra
Para ir ao principado
E como ela insistisse
Deixou, mas, recomendado:

XXVI

Está bem, se separares
As lentilhas lá do chão
Em duas horas, irás
Conosco para a festa, então,
Disse, porém, na certeza
De não haver condição

XXVII

Mas, a Gata Borralheira
Não se sentiu derrotada
Apelou para a pombinha
E pra toda passarada
E em muito menos estavam
As lentinhas separadas

XXVIII

Muito bem, disse a madrastra
Porém, com certa ironia,
Com qual vestido tu vais?
...Nem sabes dançar, por via,
É bem melhor tu ficares
Em casa como vigia.

XXIX

Ao suplicar, a madrastra,
Lhe falou com tal maldade:
Está bem, eu vou te dar,
Mais uma oportunidade,
De maior dificuldade.

XXX

Se dois potes de lentilhas
Em apenas uma hora
Conseguires separar
Te levaremos embora
Para assistires a festa
Pela qual tanto me implora.

XXXI

E a Gata Borralheira

Mais uma vez convocou
Os pássaros que ajudando
Na tarefa triunfou,
Porém, assim enganada
De nada adiantou.

XXXII

Disse a madrastra tu vais
Ficar em casa e pronto,
E lhe dando as costas logo
Foi com as filhas ao ponto
Onde esperava o padraсто
Com sua cara de tonto.

XXXIII

Ficando sozinha em casa
Foi a Gata Borralheira
Para o túmulo da mãe
Debaixo da oliveira
Que foi regada com lágrimas
Que assentava poeira.

XXXIV

E dali deve a ideia
De gritar ao refletir:
Arvorezinha começa
A abanar, sacudir
Atira-me ouro e prata
Para que possa me vestir.

XXXV

A pomba que antes tinha
Sua ajuda ofereceu
Estendeu as suas asas
Atendendo seu pedido,
Transformando seus farrapos
Em majestoso vestido.

XXXVI

Transformou os seus tamancos
Em luxuoso calçado,
De um ouro e bela prata
Divinamente bordado
Que ao chegar pelo baile
Deixou o príncipe encantado.

XXXVII

Mas a surpresa maior
Que viram como funesta
Foi mesmo das duas filhas
Cuja maquiada e vesta
Já pensavam que seriam
As mais bonitas da festa.

XXXVIII

Mas, príncipe procurou
Logo a Gata Borralheira,
Dela se aproximou
E em amor à primeira
Vista, pegou pelo braço
E dançou a noite inteira.

XXXIX

Chegando a hora sublime
Do casal se despedir,
Fizera questão o príncipe
De ao seu lado seguir
Para poder, curioso,
Sua casa descobrir.

XL

Mas, deu ela uma desculpa
Pra poder se retirar
Por uns momentos, e logo
Tratou, pois, de abandonar
O palácio e a correr
Sairia sem parar.

XLI

Ela deixou seu vestido
E seu sapato bonito
Embaixo de uma árvore
Onde uma pomba num rito
Pegando tudo,
levou a um lugar no infinito.

XLII

E a Gata Borralheira,
As suas vestes usou,
Vestido cinza, avental
E tamancos que calçou,
Deitou-se junto à lareira
E logo mais acordou.

XLIII

No outro dia de festa
Ao sair a carruagem,
Ela correu para árvore
E ali feito miragem
Outro vestido e sapatos
Lhe dariam nova imagem.

XLIV

O príncipe lá no palácio
Com a sua aparição,
Se sentiu mais empolgado
Tomado de sensação,
Se mostrou mais deslumbrado

Ao tomar da sua mão.

XLV

Havia se apaixonado
Pela Gata Borralheira,
Aos olhos dos convidados
Pegava a sua maneira
E mais uma vez com ela
Dançaria a noite inteira.

XLVI

Deu-se agora diferente
Na hora da despedida,
Ela agora sem notar
Pelo príncipe foi seguida,
Mas, de repente sumiu,
Ficando dele escondida.

XLVII

No terceiro e último dia
Quando seu pai fustigou
O cavalo e a carruagem
Do terreno se afastou,
Ela foi à oliveira
E bem ali apelou:

XLVIII

Ô arvorezinha, toca
A abanar, sacudir,
Atira teu ouro e prata
Pra que possa me vestir,
E a pomba, uma vez mais
Passava a lhe assistir.

XLIX

Traz-lhe um vestido de sonho,
De seda com aplicações,
De um suntuoso chalé,
Uns sapatos com fustões
Bordados a ouro, uma capa
Própria dos grandes pregões.

L

Quando ela entrou no salão
Foi tomada de repente
Por uma inspiração
Sonora, surpreendente,
De toda a sociedade
Que se fez ali presente.

LI

O príncipe, então apressou-se
A beijar-lhe a sua mão,
A abrir o baile àqueles

Ansiosos no salão,
Sempre ao lado da amada,
Sem qualquer separação.

LII

Porém, terminado o baile,
Bem antes da meia noite,
Eis que a Gata Borralheira
Preparada numa afoite,
Corre assim, desaparece
Do seu amor num acoite.

LIII

O príncipe corre em seguida
E não consegue alcança-la,
Mas, encontra seus sapatos,
Por sorte de alta escala,
Sobre uma escadaria
Que dava para uma sala.

LIV

E já na manhã seguinte
Mandou que seu mensageiro
Difundisse para o reino,
No seu território inteiro
Que ele se casaria
Com quem calcasse primeiro.

LV

Primeiro experimentaram
Dali das redondezas
Presentes à grande festa
As suas belas princesas,
Seguidas com grande afã
As condessas e duquesas.

LVI

Depois disso foram jovens
Que ouviram a mesma trova,
Qualquer que fosse sua
Condição social nova
A jovem tinha o direito
De passar por essa prova.

LVII

As enteadas testaram
E uma dela, num furo,
Forçou o pé no sapato
Já pensando no futuro
E apresentou-se ao príncipe
Como aprovada no duro.

LVIII

E o príncipe percebeu

Que a tal desconhecida
Não era aquela sonhada,
Mais teve por prometida,
Montou-a no seu cavalo
Talvez como despedida.

LIX

Passando por uma árvore
Uma pomba lhe dizia:
Olha os pés dessa donzela,
E ele olhando então via
Tanto roxo, quanto inchado
E a farsa descobria.

LX

Foi até a casa dela
E deu para outra irmã
Sua mãe a incentivou
A forçar com todo afã
Dizendo que aquilo era
O seu real talismã.

LXI

Não te preocupes, a mãe
Disse a ela sem demora,
O que pode acontecer
Embora te aperte agora,
É que serás a rainha
Tendo coche a toda hora.

LXII

Sua filha obedeceu
E pôs o pé no calçado,
E dissimulando a dor,
O príncipe desconfiado,
Pôs também no seu cavalo
E saiu pelo gramado.

LXIII

Lá naquela mesma árvore
Uma pomba advertiu:
Olhe o pé dessa donzela,
Ele olhou e também viu
Que estava mais inchado
Quando o calçado saiu.

LXIV

Disse ele envaidecido
Trago aqui uma impostora,
Dê graças a Deus por eu
Não te fazer sofredora,
De não te punir por conta
Da vergonha causadora.

LXV

Mas se tendes outra filha
Dou outra oportunidade
Mas eu mesmo calçarei
Pra certeza de verdade,
Mas, ela disse não tenho,
Para minha infelicidade.

LXVI

Mas, o pai acrescentou
Naquele exato momento:
Eu tenho aqui uma filha
Do primeiro casamento
Ela é a empregada
Da cozinha e aposento.

LXVII

Faz a limpeza da casa
E dorme junto à lareira
E por conta dos borralhos
É a Gata Borralheira
Ela é uma coitada no trabalho da
sujeira.

LXVIII

Disse ele, minhas ordens
Às jovens, sem exceção,
São para todas do reino
E sem discriminação,
Tragam a Gata Borralheira
Que eu sei se ela ou não.

LXIX

Eis a Gata Borralheira
Em frente do seu amado
E livrando um dos pés
Do seu tamanco pesado
Calçou o príncipe tão bem
Que ficou maravilhado.

LXX

Olhou para ela o príncipe
Que logo reconheceu
E lembrando das danças,

Sem forças se comoveu:
Minha formosa donzela
De hoje em diante sou teu.

LXXI

Tu será senhora e dama
Desse humilde coração,
Ela vertendo mil lágrimas
Agradeceu com o coração
A sua mãe grata e santa
Que lhe deu tal proteção.

LXXII

O príncipe pôs no cavalo
Porém, no mesmo caminho,
E ao passar pela árvore
OuvIU com grande carinho
Da ave que informava
Para ele direitinho:

LXXIII

Continuas, grande príncipe
Tua bela cavalgada,
Pois, a dona do sapato
Já foi de certo encontrada,
Nisso a roupa da donzela
Foi em nova transformada.

LXXIV

Chegaram àquele palácio
Pondo fim a um tormento
Pois, a Gata Borralheira
E seu príncipe, a contento,
Tiveram de imediato
Celebrado o casamento.

LXXV

Foram eles para sempre
Felizes nessa nação,
Humanos, justos e simples
Passaram pela gestão
Sendo aclamados em vida
Por toda população.

BRAGA, Medeiros. *A Gata Borralheira*: um clássico alemão dos irmãos Grimm nos acordes do cordel. 2018.

ANEXO E – O CORDEL EM CORDEL DE MEDEIROS BRAGA

Perguntaram certa vez
Ao mestre Raymond Cantel,
Um francês estudioso
Que saber tem a granel
O que vinha a ser, de fato,
Ao pé da letra, o cordel.

Já podia bem de antes
Por certo conceituar
De “narrativa e impressa”,
Vindo ele a acrescentar,
Com maior convencimento,
A palavra “popular”.

O cordel, definitivo,
Pôde um conceito ganhar:
“É POESIA NARRATIVA,
IMPRESSA E POPULAR”,
Por essa forma, podendo
O que se pensa, narrar.

Cordel são esses folhetos
Com estrofes uniformes
De seis, sete, ou dez versos
Com os temas mais disformes
Que podem ser muito curtos,
Médios, maiores, enormes.

Só depende da temática
Que se pretende narrar,
Geralmente, se romance
Não se pode condensar,
Se obriga o cordelista
As emoções detalhar.

Pode ser de oito páginas
Ou mesmo de dezesseis,
Mas, se vê de vinte e quatro,
Trinta e dois, quarenta e seis,
Variam pela importância
Dos eventos e das greis.

Quando o tema é de humor,
De chacota, brincadeira,
Vão até dezesseis páginas
Fazer maior é besteira,
Pra contar dá o espaço
Ignorância ou leseira.

Mas, qual o significado
Do termo, com precisão?...
É porque eram vendidos
Nas feiras ou barracão

Quase sempre pendurados
Em barbante ou em cordão.

De início eram vendidos
Nas feiras das redondezas
Sobre lonas pelo chão,
Então em cima das mesas
Lá cantavam os poetas
Suas estrofes belezas.

De cordão veio o cordel
Esse nome consagrado,
Esse folheto de feira
De bom serviço prestado
Na formação, no informe,
Em tudo que é contado.

Outras interpretações
Aparece quem as faça,
Já ouvi de “sabichões”
Talvez até por chalaça
Que não passa tudo isso
De uma estória sem graça.

Também nos dizem que ele
Não nasceu cá no Brasil,
Que veio de longas plagas
Já trazendo esse perfil,
Que aqui se encravou
Como um tiro de fuzil.

Mas, o cordel que nós temos
Com o poder de encantar,
Tão perfeito que o leitor
Pode os seus versos cantar,
Esse não veio de fora
Isso eu posso assegurar.

O que veio lá de fora
Foi folheto sem tal forma
Com versos desfigurados
Tendo até prosa por norma,
Artigos, pequenos contos,
Que ao cordel só deforma.

Esses folhetos de feira
Que chamamos de cordel
Com as regras definidas,
Com seu formato fiel
Esse é todo brasileiro
E nós temos a granel.

Ele está na escola e rua,
No reisado e na ciranda,
Há muita gente escrevendo
E lendo pra toda banda,
Fato é que a produção
Vai criando uma demanda.

Já não é só no Nordeste
Que o cordel se vê mais,
Também é composto e lido
Lá pelas Minas Gerais,
São Paulo, lá pelos pampas,
Acre, Rodônia, Goiás.

Pelo Rio de Janeiro
Já tem muito menestrel,
E essa literatura
Fazendo um belo papel
Tem a sua Academia
Brasileira de Cordel.

Tem SEXTILHA, SEPTILHA
E a DÉCIMA mais comuns,
Pelas quais as narrativas
Que capricham sempre alguns
Vão encantando os leitores
Com seus versos incomuns.

Dizem que a cantoria
De Inácio da Catingueira
Com Romano de Mãe D'Água
Que ocorreu numa feira,
Sempre se dando de quadra
Foi de sextilha, a primeira.

Os poetas cantadores
De improviso, bons artistas,
Os geniais violeiros,
Viam as SEXTILHAS versistas
Como “A Deusa Inspiradora
Dos Poetas Repentistas”.

Mas, o que eu vou discorrer
Para atenção despertar,
É no âmbito do cordel,
No conceito como está:
De poesia “Narrativa”,
“Impressa” e “Popular”.

A sextilha e septilha
Hoje são mais usuais
É o estilo escolhido
Pelos cantos colossais
Tanto por principiantes
Quanto pelos geniais.

Sendo que os mais usados
Hoje pelos cordelistas
Ainda são as SEXTILHAS,
Sonoras, belas, benquistas,
Onde o poeta inspirado
Põe o seu ponto de vista.

Tem a estrofe da SEXTILHA
Seis versos, linhas, ou pés,
Com sete sílabas, a forma
Na qual põem os menestréis
As fornadas de poesias
Pra comporem seus cordéis.

A SEXTILHA tem seus versos
Com sua rima direita
Nas linhas pares que são
A segunda, quarta e sexta,
Tornando, assim, a estrofe
Bem mais poética e perfeita.

As estrofes de um cordel
Carecem com precisão,
Duma RIMA CONSOANTE
E a correta medição,
Em cada linha, das sílabas
Que soam como canção.

A rima é classificada
Em TOANTE e CONSOANTE
A TOANTE tem a rima
Incompleta, extravagante,
Rimando fuso e veludo;
Só nas vogais são soantes.

Já as RIMAS CONSOANTES
Se escuta os sons iguais
Da sílaba tônica que junta
Consoantes e vogais,
Como exemplo a “PAZ” que rima
Com a palavra “RAPAZ”.

Muito importante em cordel
É a METRIFICAÇÃO
Onde as sílabas se conta
Pela unificação
De sons que juntam vogais
Numa só combinação.

Mas, vale a advertência
Na contagem que se faz
Nas sílabas de cada verso
Que não deve ser jamais
O poeta engolidor
Implacável das vogais.

Tem que ser bom de ouvido
Quando se faz a leitura
Pra sentir ao fim da estrofe
A cadência se madura
E no cordel como um todo
A grandeza da cultura.

Pesquisar Gonçalves Dias,
Jansen Filho de Monteiro,
Checar bem a sua métrica
Desde o seu verso primeiro
Separando suas sílabas
A Chegar ao derradeiro.

Quando se faz a contagem
Das sílabas de cada verso,
Chegando a última palavra
Só se conta até o impresso
Da última sílaba mais forte
Pra concluir com sucesso.

De Pessoa vai marcada
Sua tônica evidente:
O/po/e/ta é/um/fin/gi/DOR.
Fin/ge/tão/per/fei/ta/MEN/te,
Que as/vê/zes/fin/ge/que é DOR
A/dor/que/de/ve/ras/SEN/te.

Além da RIMA e da MÉTRICA
Com sua arte importante
Há a cadência do verso
Que também é relevante
Por dar à dança da estrofe
Um ritmo mais elegante.

Um esforço valeria
Sobre as sílabas do verso
Para a tônica definir
Pela terceira, decerto,
A sílaba terceira e sétima
Com o seu tom mais aberto.

Se no ritmo se percebe
Suas tônicas serem fortes
Na terceira e sétima sílabas
Para lhes dar mais suporte,
Devem ter todos os versos
De cordel o mesmo porte.

Do vate Gonçalves Dias
A CADÊNCIA vem ao ar
Pelos versos que combinam
As tônicas que fazem par:
Não/per/MI/ta/Deus/que eu/MOR/ra
Sem/que/VOL/te/pa/ra/LÁ.

SEPTILHA ou sete versos
É outra modalidade
Na cultura do cordel
Que, com assiduidade,
Os cordelistas externam
Sua arte, com vontade.

Os versos que entre si
Fazem rima na SEPTILHA
São segundo, quarto e sétimo
Que, seguindo a escotilha,
Fazem rima quinto e sexto
Com sete sílabas na trilha.

Não podia concluir
Falando dessa cultura
Sem citar a importância
Que tem a xilogravura
Valorizando os folhetos
Com combinada gravura.

Mantém a XILOGRAVURA
Hoje, Marcelo Soares,
Erick, Abraão Batista,
José Borges, com milhares,
Valdeck de Garanhuns,
Nos melhores patamares.

Ante o mundo despencando
Insano, célere, brutal,
Pelo processo que torna
O homem mais desigual,
O cordel vai se ligando
Para a questão social.

O CORDEL vem se tornando
Em um meio educativo,
Conscientizador de um povo
Que vegeta, inofensivo,
Acorrentado a um sistema
Sem saber que é cativo.

Estão os mestres levando
O cordel pra suas salas,
Extraindo dos alunos
Pelos versos suas falas,
E com método diferente
Conseguem dar boas aulas.

Ele que só era visto
Por folheto nordestino,
Pelo campo do saber
Se tornou mais peregrino
E é hoje utilizado
Pelo Brasil no ensino.

Vamos, pois, prestigiar
Sua comunicação,
O CORDEL que no passado
Foi o “Jornal do Sertão”
É hoje a biblioteca,
Cada página, uma lição.

Disponível em: <http://cordel desaia.blogspot.com/2014/02/o-cordel-em-cordel-de-medeiros-braga.html>

ANEXO F - MÚSICA LITERATURA DE CORDEL DE FRANCISCO DINIZ

Literatura de Cordel
É poesia popular,
É história contada em versos
Em estrofes a rimar,
Escrita em papel comum
Feita pra ler ou cantar.

A capa é em xilogravura,
Trabalho de artesão,
Que esculpe em madeira
Um desenho com ponção
Preparando a matriz
Pra fazer reprodução.

Mas pode ser um desenho,
Uma foto, uma pintura,
Cujo título, bem à mostra,
Resume a escritura.
É uma bela tradição,
Que exprime nossa cultura.

Os folhetos de cordel
Nas feiras eram vendidos
Pendurados num cordão
Falando do acontecido,

De amor, luta e mistério,
De fé e do desassistido.

A minha literatura
De cordel é reflexão
Sobre a questão social
E orienta o cidadão
A valorizar a cultura
E também a educação.

Mas trata de outros temas:
Da luta do bem contra o mal,
Da crença do nosso povo,
Do hilário, coisa e tal
E você acha nas bancas
Por apenas um real.

O cordel é uma expressão
Da autêntica poesia
Do povo da minha terra
Que luta pra que um dia
Acabem a fome e a miséria,
Haja paz e harmonia.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=42U4jrCFT0s>

ANEXO G –MÚSICA ANDAR COM FÉ DE GILBERTO GIL

Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar
Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar

Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar
Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar

Que a fé tá na mulher
A fé tá na cobra coral
Oh, num pedaço de pão

A fé tá na maré
Na lâmina de um punhal
Oh, na luz, na escuridão

Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar (olêlê)
Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar (olalá)

Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar (ô, menina)
Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar (olalá)

A fé tá na manhã
A fé tá no anoitecer
Oh, no calor do verão

A fé tá viva e sã
A fé também tá pra morrer
Oh, triste na solidão

Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar (ô, menina)
Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar

Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar (olalá)
Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar

Certo ou errado até
A fé vai onde quer que eu vá
Oh, a pé ou de avião

Mesmo a quem não tem fé

A fé costuma acompanhar
Oh, pelo sim, pelo não

Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar (olêlê)
Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar (olalá)

Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar
Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar (olêlê, vamo lá)

Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar (costuma, costuma
a fé, não costuma faiar)
Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar (costuma, costuma
a fé, não costuma faiar)

Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar (oh, yeah, olalá)
Andar com fé eu vou
Que a fé não costuma faiar

Disponível em:

<https://www.lettras.mus.br/gilberto-gil/46184/>

ANEXO H – O PATINHO FEIO EM CORDEL DE MANOEL NETO ²⁸

I

Demorei horas e horas
Até semanas, talvez
Tentando encontrar um jeito
Que nenhum sujeito fez
Apertei minha memória
Mas começo essa história
Dizendo: – “era uma vez”...

II

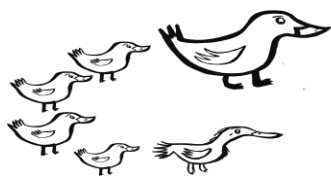
O conto que era em prosa
Vou contar todo em cordel
Descrever um lugar lindo
Como um pedaço do céu
Não há dom que lhe defina
Terra boa, Areia Fina²⁹
Coração de São Miguel³⁰.

III

Na fazenda Arco Verde
Uma pata fez seu ninho
Esperou por muito tempo
Cuidando de cada ovinho
Até que chegou o dia
Pra com festa e alegria
Conhecer os seus patinhos.

IV

Finalmente, o bom momento
Chegou para a mamãezinha
Que de perto acompanhava
As pequenas avezinhas
Mas para a sua surpresa
Em meio à tanta beleza
Surgiu uma “feiurinha”.



V

Essa “feiurinha” aqui
Não é a da outra história
Deu-se o caso que a mãe
Vivendo o dia de glória
Quase teve um passamento
Quando viu um dos rebentos
Diferente da memória.

VI

Os patinhos que nasceram
Eram todos muito belos
Aves de primeira panha
Dignas de qualquer castelo
Muito fofas, delicadas
Bem feitas, bem caprichadas
Num tom de lindo amarelo.

VII

Mas no meio da ninhada
Tinha um pato diferente
A mãe pata meio triste
Que antes estava contente
Viu um bicho acinzentado
Mondrongo, desajeitado
Bem ali na sua frente.

VIII

Pensou: se não é um pato
O que faz aqui no meio?
Pegou então a ninhada
E saiu para um passeio
E teve a notícia boa
Quando jogou na lagoa
Disse: – “é um patinho feio”!

²⁸ NETO, Manoel da Lapa Fonsêca da Silva. O Patinho Feio em Cordel. In: **Das narrativas clássicas ao cordel: valores humanos em jogo**. Organização Priscila Peixinho Fiorindo e Elton Magalhães **Revista Pandora Brasil**. ISSN 2175-3318 n° 115, setembro de 2022. Disponível em: http://revistapandorabrasil.com/revista_pandora/das_narrativas_classicas_ao_cordel/patinho.pdf

²⁹ Comunidade rural localizada no município de São Miguel das Matas – BA.

³⁰ Município de São Miguel das Matas localizado no Vale do Jiquiriçá no estado da Bahia.

IX

Depois de toda surpresa
 Dada a constatação
 A notícia do patinho
 Abalou a região
 Vieram ver o patinho
 Todo tipo de bichinho
 Da Salete ao Riachão³¹

X

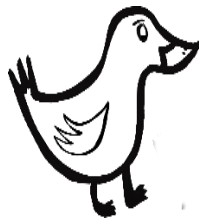
Tinha bicho do Comum³²
 E de São Sebastião³³
 Bicho lá do Condomínio
 Que chegava em excursão
 Parecia um coreto
 Veio peixe do Rio Preto³⁴
 De Fátima e São João³⁵!

XI

Pra tristeza do patinho
 Que era tão diferente
 Cada bicho que olhava
 Falava mais prepotente
 Que bichinho mais feioso!
 Puxa, como é horroroso!
 Ah! Meu Deus, que deprimente!

XII

De tanto ser magoado
 Ele decidiu fugir
 Foi correndo sem destino
 Sem caminho pra seguir
 Fugindo da sua terra
 Foi parar no pé da serra
 Sem da mãe se despedir.

**XIII**

Começou olhar em volta
 Então viu uma casinha
 Com a porta entreaberta
 Bem pequena e simplesinha
 Ele entrou assustadinho
 Se encolheu lá no cantinho
 Ao lado da camarinha.

XIV

Naquela casa humilde
 Morava uma velhinha
 Com seu gato sonolento
 E também uma galinha
 Assim que amanheceu
 A velhinha percebeu
 Disse: – “será uma patinha?”

XV

Um dia me dará ovos
 Eu farei muita comida
 Muito creme, muito doce
 Pra vender lá na Muquiba³⁶
 Mas a galinha e o gato
 Agrediam o pobre pato
 Quase lhe tirando a vida.

XVI

O patinho, coitadinho
 Resolveu fugir de novo
 Já estava arrependido
 De ter saído do ovo
 Disse: – “vou para o Comum”
 Mas passando no Ticum
 Pensou: daqui não me movo.

XVII

O Ticum é um riacho
 Ali perto da Muquiba
 Como era primavera
 Não lhe faltava comida
 Pra sua decepção
 Foi chegando o verão
 Acabando a boa vida.

³¹ Comunidade rural do município de São Miguel das Matas – BA.

³² Idem

³³ Idem

³⁴ Idem

³⁵ Idem

³⁶ Idem

XVIII

O riacho foi secando
Folhas caindo no chão
Certa tarde, já bem triste
Vejam que grande emoção
Ao olhar para a boiada
Viu no céu uma revoada
Vindo em sua direção.

XIX

As aves foram pousando
Demarcando o ambiente
O patinho encantado
Parecia tão contente
Aqueles aves formosas
Penas brancas, patas rosas
Bem ali na sua frente.



XX

Os dias foram passando
Com o pato em esperança.
Os gansos eram bem fortes
Lhe passavam segurança
Logo logo sem demora
Os gansos foram embora
Ficando só a lembrança.

XXI

Triste e muito solitário
Só restava o lamento
O rio só ia secando
Aumentando o sofrimento
Faltava felicidade
Força e dignidade
Faltava até alimento.

XXII

Certo dia já exausto
Naquele quente verão
Ele saiu caminhando
Procurando proteção
Queria só uma cama
Mas ficou preso na lama
Aumentando a aflição.

XXIII

Foi aí que apareceu
Um lavrador solitário
Que quando viu o patinho
Logo lhe foi solidário
Livrando-o assim da morte
E ali, pra sua sorte
Mudou seu itinerário.

XXIV

Levou o pato pra casa
Deu comida e atenção
O bichinho acolhido
Transbordava gratidão
Viveu ali por um tempo
Mas tinha no pensamento
Uma importante missão.



XXV

Só queria mergulhar
Nesse universo profundo
Precisava se encontrar
Ao menos por um segundo
Descobrir com todo amor
Mesmo após essa dor
Seu real lugar no mundo.

XXVI

Sempre grato ao lavrador
Ele seguiu sua vida
Cada dia, uma lição
Cada dor, uma ferida.
Despediu-se do amigo
E encontrou logo um abrigo
Já pensando na partida.

XXVII

Viveu por algum momento
Tendo a fonte como o lar
Mas sempre na esperança
De seu norte encontrar
Até que um certo dia
Lhe surgiu uma energia
E um desejo de voar.

XXVIII

O patinho, já um pato
 Bateu asas a voar
 Suas asas já enormes
 Peneiravam pelo ar
 E quando olhou para o chão
 Disparou o coração
 Decidiu então pousar.

XXIX

Era uma linda vista
 Uma lagoa grandona
 Cercada de pastos verdes
 Barragem do Rio da Dona³⁷
 Viu, então, ali um ganso
 Repousando no remanso
 Já não era uma redoma.

XXX

Aquilo era a liberdade
 Pulsando em seu coração
 Ao se aproximar dos gansos
 Foi tão grande a emoção
 Veja que linda miragem
 Quando viu a sua imagem
 Refletir o Ribeirão.

**XXXI**

Aquele espelho d'água Que
 brilhava em sua frenteLhe
 trouxe uma descobertaQue lhe
 fez muito contente
 Alcançou seu grande anseioPois
 viu que não era feio Era apenas
 diferente.

XXXII

Afinal, não era um pato
 Muito menos, era feio
 Nadava com os seus pares
 Já não tinha aperreio
 Agora, pro seu descanso
 Sabia que era um ganso
 E estava em seu meio.

**XXXIII**

Um dia, o lavrador
 Seu amigo do passado
 Foi passando pelo rio
 E ficou muito encantado
 Quando viu em sua frente
 Outro ganso diferente
 Nadando bem sossegado.

**XXXIV**

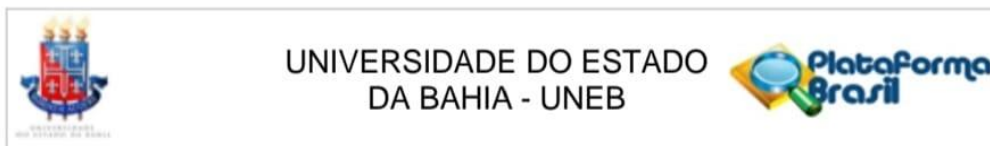
O lavrador, seu amigo
 Sentia-se diferente
 Pois sempre andava sozinho
 Distante de toda gente
 Depois daquela lição
 Transformou o coração
 Sua alma e sua mente.

XXXV

Findo aqui essa história
 Com essa linda moral
 Todo ser é importante
 “Cada qual seu cada qual”
 Diversidade é riqueza
 Pluralidade é beleza
 Ser diferente é normal.

³⁷ Represa ou barragem localizada no limite entre os municípios de Santo Antônio de Jesus – BA, São Miguel das Matas – BA e Laje- BA.

ANEXO I - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Dos contos de fadas à literatura popular: leitura, escrita e valores humanos na escola.

Pesquisador: Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 56349522.8.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.353.948

Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: Dos contos de fadas à literatura popular: leitura, escrita e valores humanos na escola.

Pesquisador Responsável: Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro

A leitura do texto literário é muito importante na vida das pessoas, pois não se constitui apenas diversão, mas contribui com o processo de formação

social e pessoal do sujeito. Os contos de fadas instigam, por meio de suas histórias, a superação das dificuldades e nos ajudam a compreender o

mundo, já que trazem os valores éticos e morais a partir das experiências vividas pelas personagens. Atualmente, muitos textos literários são

parafraseados, parodiados, estilizados entre outras modalidades de reescrita. A proposta desse projeto visa à reescrita dos contos de fadas em

cordel a partir do trabalho com a estilização com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental II. Considerando que a arte literária popular, mediada de

forma adequada, é capaz de mudar vidas, construímos uma proposta de intervenção pedagógica com a Literatura de Cordel, pois ela torna-se uma

ferramenta de ensino relevante para desenvolver as habilidades de leitura e escrita poética, além de contribuir com o desenvolvimento da

consciência coletiva para ações positivas no convívio harmônico na escola e fora dela, por meio

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3216-1330 **Fax:** (71)3216-1330 **E-mail:** cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 5.353.948

das mensagens dos contos clássicos. Nesse sentindo, nos apoiamos em Almeida (2009), Fiorindo (2012/2015), Kleiman (2002). Sobre o texto literário e cordel nos apoiamos em Zilberman (2008), Cândido (2011), Rosa (2017), Cavnac (2006), Haurélio (2010). Quanto aos contos de fadas e à estilização, trazemos Von Franz (1990), Chesterton (2019), Michelli (2012), San'Atanna (2003), além de outros. Pretende-se, assim, incentivar a leitura e escrita poética, considerando os valores humanos a partir de contos de fadas estilizados em cordel

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Incentivar a leitura e escrita poética, considerando os valores humanos a partir de contos de fadas estilizados em cordel.

Objetivo Secundário:

Possibilitar a aproximação da arte literária popular, estimular o fazer poético e refletir acerca dos valores humanos.

Os objetivos apresentados são condizentes com a metodologia proposta.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos e Benefícios informados conforme orienta a Resolução nº 466/12.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa relevante e exequível.

A metodologia proposta, os critérios de inclusão e exclusão não possuem ou não se aplicam, cronograma são compatíveis com os objetivos propostos no projeto.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da normativa, conforme segue:

- 1 – Termo de compromisso do pesquisador responsável: Em conformidade com a normativa;
- 2 – Termo de confidencialidade: Em conformidade.
- 3 – A autorização institucional da proponente: Em conformidade.
- 4 – A autorização da instituição coparticipante: em conformidade.
- 5 - Folha de rosto: Em conformidade
- 6- Declaração de concordância projeto de pesquisa: em conformidade.
- 7– Termo de do TCLE responsável pelo menor: em conformidade.
- 8- Termo de concessão: em conformidade.

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3216-1330 **Fax:** (71)3216-1330 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

Continuação do Parecer: 5.353.948

9- Termo de Assentimento do menor: em conformidade.

10- Termo de coleta de dados em arquivos: em conformidade

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos participantes, respeitando os princípios da autonomia, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1903641.pdf	03/03/2022 11:43:32		Aceito
Outros	Termo_de_confidencialidade.pdf	03/03/2022 11:33:16	Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro	Aceito
Outros	termo_de_concessao.pdf	03/03/2022 11:30:22	Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro	Aceito
Outros	termo_de_compromisso_do_pesquisador.pdf	03/03/2022 11:28:28	Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro	Aceito
Declaração de	declaracao_de_concordancia.pdf	03/03/2022	Maria Tânia	Aceito

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3216-1330 **Fax:** (71)3216-1330 **E-mail:** cepuneb@uneb.br

Continuação do Parecer: 5.353.948

concordância	declaracao_de_concordancia.pdf	11:27:36	Fonseca da Silva Ribeiro	Aceito
Outros	Termo_de_coleta_de_dados.docx	03/03/2022 11:25:58	Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro	Aceito
Outros	Termo_de_autorizacao_institucional_da_propONENTE.pdf	03/03/2022 11:25:11	Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro	Aceito
Outros	termo_de_autorizacao_institucional_da_coparticipante.pdf	03/03/2022 11:24:17	Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro	Aceito
Outros	termo_de_consentimento_livre_e_esclarecido.docx	03/03/2022 11:22:48	Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro	Aceito
Cronograma	cronograma_projeto.docx	03/03/2022 11:16:37	Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_MariaTaniaFonseca.doc	03/03/2022 11:16:05	Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termo_de_assentimento_do_menor.pdf	03/03/2022 11:15:21	Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	03/03/2022 11:07:59	Maria Tânia Fonseca da Silva Ribeiro	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 18 de Abril de 2022

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Engenheiro Oscar Pontes s/n, antigo prédio da Petrobras 3º andar, sala 1, Água de Meninos,
Bairro: Água de Meninos **CEP:** 40.460-120
UF: BA **Município:** SALVADOR
Telefone: (71)3216-1330 **Fax:** (71)3216-1330 **E-mail:** cepuneb@uneb.br